



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Processos Psicológicos Básicos

Programa de Pós-Graduação em Ciência do Comportamento

Valores, Atitudes, Intenção e Comportamento Frente ao Uso de Álcool, Maconha e outras Drogas: Proposta de Modelo Hierárquico

Marília de Oliveira Braz

Brasília (DF), 2025



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Processos Psicológicos Básicos

Programa de Pós-Graduação em Ciência do Comportamento

Valores, Atitudes, Intenção e Comportamento Frente ao Uso de Álcool, Maconha e outras Drogas: Proposta de Modelo Hierárquico

Marília de Oliveira Braz

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências do Comportamento.

Orientação: Prof. Dr. Thiago Gomes do Nascimento

Brasília (DF), setembro de 2025

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À SEGUINTE BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Thiago Gomes Nascimento – Orientador
Programa de Pós-graduação em Ciências do Comportamento
Universidade de Brasília - UnB

Prof. Dr. Breno Giovanni Adaid Castro – Membro Interno
Programa de Pós-graduação em Ciências do Comportamento
Universidade de Brasília - UnB

Prof. Dr. Paulo Henrique Ferreira Alves – Membro Externo
Instituto Superior de Ciências Policiais

Prof. Dr. Cláudio Vaz Torres – Suplente
Programa de Pós-graduação em Ciências do Comportamento
Universidade de Brasília - UnB

Agradecimentos

A idealização e concretização de um projeto pessoal é uma travessia que percorre caminhos em muitos momentos abstratos e confusos. Acredito que, em grande parte, por envolver sensações e emoções que carregam muita força, interligadas diretamente à nossa história de vida. Durante minha jornada de descoberta, uma das certezas mais profundas que sempre trouxe comigo, é a de que a educação possui potencial para transformar tudo que toca. Tal qual um farol que se acende, trazendo mais cor e sentido para a vida. Nesse momento, acredito ainda mais em uma força superior que nos direciona, como fonte de vida e abundância.

Concluo essa caminhada árdua, vivida com muita intensidade e intencionalidade. Olho para cada passo e compreendo o quanto foram fundamentais para a concretização desse sonho. Sem dúvida alguma, essa história é repleta de pessoas especiais que me impulsionaram em direção ao meu sonho, nutrindo junto comigo esperança, alegria, força e especialmente, a perseverança.

Essa seção eu dedico especialmente àqueles que construíram comigo esse grande sonho, que agora se torna real.

À minha família, tão singular e por esse mesmo motivo, tão preciosa, meu muito obrigada. Mãe, pai, irmão, avó, meus sogros, minha cunhada, vocês são meu alicerce, minhas raízes mais profundas. Ao meu esposo Jefferson, esse companheiro incansável, reafirmo: sem você, nada disso eu teria vivido. Obrigada por ter amparado cada lágrima, e principalmente, por ter celebrado cada sorriso e cada momento de alegria.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Thiago Gomes Nascimento, presto um agradecimento de muita reverência. Seu conhecimento sustentou cada passo, mas acima de tudo, o apoio e a convicção de que o resultado seria positivo foi fundamental para o meu sucesso. Que em sua vida esse olhar otimista e encorajador nunca se perca.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento, um espaço construído com profissionais de notável expertise e sabedoria. Que possam continuar acolhendo e desenvolvendo tantos talentos.

Ao Instituto de Psicologia, minha casa, o berço da formação que tanto me orgulho, presto meus agradecimentos e reverência.

À Universidade de Brasília, presto um agradecimento especial. Essa instituição transforma vidas e promove mudança social, que a cada dia vejo de forma mais concreta. Muitas oportunidades e experiências nascem nesse espaço geográfico e emocional tão valioso para Brasília e para o Brasil.

Sumario

Lista de figuras.....	i
Lista de Tabelas	ii
Resumo	iii
Abstract	iv
Introdução	11
Valores Humanos	15
Atitudes	18
Intenção	21
Consumo de Substâncias	25
Método	30
Resultados	35
Discussão	52
Conclusão	62
Referências	67
Apêndices	73

Lista de Figuras

Figura 1. Funções, subfunções e valores específicos segundo a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (modelo 3x2).....	18
Figura 2. <i>Modelo da Teoria do Comportamento Planejado (Theory of Planned Behavior – TPB)</i> Fonte: Ajzen (2019). Copyright © Icek Ajzen.....	24
Figura 3. Modelo estrutural entre o valor de Experimentação → Atitudes frente ao uso de álcool → Intenção de uso de álcool → Uso de Álcool.	46
Figura 4. Modelo estrutural entre o valor de Normatividade → Atitudes frente ao uso de álcool → Intenção de uso de álcool → Uso de Álcool.....	47
Figura 5. Modelo estrutural entre o valor de Experimentação → Atitudes frente ao uso de maconha → Intenção de uso de maconha → Uso de Maconha.....	48
Figura 6. Modelo estrutural entre o valor de Normatividade → Atitudes frente ao uso de maconha → Intenção de uso de maconha → Uso de Maconha.	49
Figura 7. Modelo estrutural entre o valor de Experimentação → Atitudes frente ao uso de drogas → Intenção de uso de drogas → Uso de Drogas.	50
Figura 8. Modelo estrutural entre o valor de Normatividade → Atitudes frente ao uso de drogas → Intenção de uso de drogas → Uso de Drogas.	51

Lista de Tabelas

Tabela 1. Matriz fatorial da EAFUA	36
Tabela 2. Matriz fatorial da EAFUM	37
Tabela 3. Matriz fatorial da EAFUD	38
Tabela 4. Correlação de Pearson entre valores humanos (Experimentação, Normativa, Realização, Existência, Suprapessoal e Interativa) e as atitudes frente ao uso de álcool, maconha e outras drogas.	39
Tabela 5. Síntese das hipóteses testadas e achados principais.....	54

Resumo

O consumo de álcool, maconha e outras drogas representa um relevante desafio à saúde pública, exigindo compreensão aprofundada dos fatores psicológicos que o influenciam. Este estudo propõe e testa um modelo hierárquico integrativo baseado na Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (Gouveia) e na Teoria do Comportamento Planejado (Ajzen), visando explicar a relação entre valores, atitudes, intenção e comportamento de uso dessas substâncias em adolescentes do Distrito Federal. Partindo do pressuposto de que valores mais abstratos orientam atitudes, que por sua vez influenciam intenções e comportamentos, o modelo proposto estabelece a sequência causal [Valores] → [Atitudes] → [Intenção] → [Comportamento]. A abordagem da pesquisa é quantitativa, de caráter explicativo e correlacional, com delineamento transversal. Participaram 220 estudantes de escolas públicas e privadas (12 a 42 anos; M = 16,94), que responderam ao Questionário dos Valores Básicos (QVB) e às escalas de atitudes frente ao uso de álcool (EAFUA), maconha (EAFUM) e drogas (EAFUD), além de questionário sociodemográfico. Hipóteses incluíram efeitos positivos de valores de experimentação e excitação sobre atitudes favoráveis ao uso, efeitos negativos de valores normativos e de conformidade, e a mediação parcial das atitudes e intenções na relação entre valores e comportamento. A abordagem amplia estudos prévios ao incluir medidas explícitas de intenção e considerar fatores contextuais, sociais e autorregulatórios. Os resultados oferecem subsídios teóricos e práticos para intervenções preventivas e políticas públicas voltadas à redução do consumo entre adolescentes, ressaltando a importância de compreender as interações entre disposições pessoais e influências contextuais.

Palavras-chave: valores, atitudes, intenção, comportamento, uso de drogas, uso de álcool, uso de maconha.

Abstract

The consumption of alcohol, marijuana, and other drugs represents a significant public health challenge, requiring an in-depth understanding of the psychological factors that influence it. This study proposes and tests an integrative hierarchical model based on the Functional Theory of Human Values (Gouveia) and the Theory of Planned Behavior (Ajzen) to explain the relationship between values, attitudes, intention, and substance use behavior among adolescents in the Federal District of Brazil. Assuming that abstract values guide attitudes, which in turn influence intentions and behaviors, the proposed model establishes the causal sequence [Values] → [Attitudes] → [Intention] → [Behavior]. The research approach is quantitative, explanatory and correlational in nature, with a cross-sectional design. A total of 220 students from public and private schools (ages 12 to 42; $M = 16.94$) participated, responding to the Basic Values Questionnaire (QVB), the Scales of Attitudes Toward Alcohol Use (EAFUA), Marijuana Use (EAFUM), and Drug Use (EAFUD), as well as a sociodemographic questionnaire. The results demonstrate the hierarchical effect of values on attitudes, attitudes on intention, and intention on behavior, confirming the proposed theoretical model. Experimental values predicted favorable attitudes toward use, whereas normative values inhibited them, with partial mediation of intention in the relationship between attitudes and behavior. This approach expands previous studies by including explicit measures of intention and considering contextual, social, and self-regulatory factors. The findings provide theoretical and practical contributions for preventive interventions and public policies aimed at reducing substance use among adolescents, highlighting the importance of understanding the interplay between personal dispositions and contextual influences.

Keywords: values, attitudes, intention, behavior, drug use, alcohol use, marijuana use.

Introdução

O consumo de álcool, maconha e outras drogas têm sido tema de grande relevância no estudo da saúde pública. A Organização das Nações Unidas (ONU) destaca que o álcool é a droga psicoativa mais consumida globalmente, com mais de 2 bilhões de pessoas fazendo uso da substância (UNODC, 2024). Essa preponderância é destacada em países de alta renda. O uso de cannabis também é difundido globalmente, com estimativas de 228 milhões de pessoas consumindo a droga no mundo (UNODC, 2024).

Além do álcool e da cannabis, o consumo de outras substâncias ilícitas representa um desafio complexo. O uso de estimulantes do tipo anfetamina (ATS), como a metanfetamina, afeta cerca de 34 milhões de pessoas, enquanto o uso de opioides, incluindo a heroína e opioides farmacêuticos, é uma preocupação, especialmente na América do Norte e partes da Ásia, onde cerca de 60 milhões de pessoas estão envolvidas (UNODC, 2024). O impacto dessas substâncias na saúde é multifacetado, contribuindo para diversas doenças e representando um desafio aos sistemas de saúde em todo o mundo.

O consumo de substâncias psicoativas no Brasil constitui um sério desafio de saúde pública, com dados indicando uma complexidade crescente no padrão de uso. De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2019, o consumo de álcool teve um aumento, especialmente entre as mulheres. No que diz respeito a substâncias ilícitas, a maconha é a droga mais consumida no país. Um estudo da Fiocruz (2019) revelou que 7,7% dos brasileiros entre 12 e 65 anos já a usaram ao menos uma vez na vida. Em relação a outras drogas, a cocaína e o crack representam um problema significativo. Um estudo recente da Unifesp (2025) estima que cerca de 11,4 milhões de brasileiros, com 14 anos ou mais, já utilizaram cocaína ou crack em algum momento da vida. O Brasil também é apontado como um dos maiores mercados de crack do mundo (Unimed Cerrado, 2025), o que evidencia a urgência na adoção de políticas públicas eficazes de prevenção e tratamento.

No Distrito Federal, o consumo de substâncias psicoativas reflete um cenário complexo e preocupante de saúde pública. Dados recentes de um boletim epidemiológico da Secretaria

de Saúde do DF (SES-DF) indicam que a capital ocupa a segunda posição entre as capitais brasileiras no consumo abusivo de álcool, com 25,7% de sua população adulta apresentando o comportamento (SES-DF, 2024). Em relação a outras substâncias, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2019 revelou que 13% dos estudantes do DF, entre 13 e 17 anos, já haviam experimentado alguma droga ilícita, incluindo maconha, cocaína, crack e ecstasy, com uma prevalência notável entre o sexo feminino e estudantes de escolas públicas (IBGE, 2021). A maconha, em particular, figura entre as drogas mais consumidas, com o tráfico de drogas representando um problema persistente na região, conforme evidenciado pelo aumento em apreensões de substâncias ilícitas nas rodovias federais que cortam o DF (PRF, 2024).

Analisar este fenômeno no contexto do Distrito Federal destaca lacuna relevante, especialmente no campo de produção científica que aprofunde compreensão dos fatores psicológicos subjacentes ao consumo de drogas, capazes de fomentar o desenvolvimento de políticas públicas de saúde, prevenção e intervenção eficazes.

A psicologia contribui de forma central para este estudo, destacando a papel das crenças na compreensão e explicação das atitudes, e de forma consequente, às intenções e os comportamentos relacionados ao uso de substâncias. Fishbein e Ajzen (1975) assinalam que as crenças constituem a base a partir da qual as atitudes são formadas, com expressa probabilidade subjetiva de relação entre o objeto da crença e outro objeto, valor ou conceito atribuído de forma análoga. Logo, no contexto do consumo de substâncias, as crenças sobre os possíveis efeitos ou consequências são fatores relevantes na construção das atitudes do indivíduo em relação ao uso.

Os autores Fishbein e Ajzen (1975) destacam que a formação das crenças pode ocorrer a partir de experiências diretas, chamadas de crenças descritivas, ou por meio de inferências que são resultado de processos cognitivos baseados em aprendizados anteriores e de regras sociais. Tais inferências são norteadas por lógica probabilística baseadas na associação entre crenças anteriores e novas informações adquiridas, representando mais do que uma simples

consistência avaliativa. Tal característica que se apresenta de forma racional e sistemática, revela a capacidade humana de processar informações sobre si e sobre o ambiente social de forma relativamente precisa e ordenada. Festinger (1954) e Fishbein e Ajzen (1975) contribuem para a discussão assinalando que os indivíduos buscam validar suas crenças através da comparação social, que se ajusta conforme o feedback recebido do grupo social de pertencimento.

A Teoria do Comportamento Planejado (TCP) proposta por Ajzen (1991) é um dos modelos mais relevantes na compreensão do comportamento humano, no qual a intenção é o principal determinante do comportamento, e representa o esforço que o indivíduo está disposto a realizar para executar determinada ação. É possível indicar que três componentes principais moldam a intenção, sendo a atitude em relação ao comportamento, correspondendo a uma avaliação favorável ou desfavorável em relação a ele; a norma subjetiva que reflete a percepção de pressão social investida na realização; e o controle comportamental que é percebido, expressando a percepção do indivíduo a respeito da facilidade ou dificuldade relativa a executar determinado comportamento, o que é reconhecido como autoeficácia.

Essa concepção amplia a compreensão tradicional de intenção, incorporando elementos contextuais que afetam a capacidade percebida de agir, o que é fundamentalmente relevante em comportamentos como o uso de substâncias, em que fatores como disponibilidade, pressões sociais ou impulsividade podem interferir na realização da ação, mesmo diante de intenções conscientes contrárias (Ajzen, 1991; Medeiros et al., 2015).

É possível acrescentar um fator relevante à intenção, que é primordial na configuração da Teoria do Comportamento Planejado (TCP), referindo-se à disponibilidade de recursos e oportunidades no ambiente, tais como tempo, dinheiro, habilidades ou apoio social, influenciando o comportamento (Ajzen, 1991). Crenças subjacentes também exercem papel relevante nessa dinâmica, uma vez que sustentam atitudes, crenças subjetivas e crenças de controle, moldando diretamente o controle percebido. Na perspectiva do consumo de

substâncias, as crenças e percepções são fundamentais para compreender a decisão dos indivíduos, frente a possibilidade do uso. Normas morais, dilemas éticos e riscos pessoais podem ser bons preditores do comportamento de risco.

Em um processo de análise de percepção, é importante compreender quais são as bases que sustentam a avaliação emocional, Scherer (2001) investiga como os indivíduos interpretam e respondem a eventos emocionais. O foco importante está na avaliação que cada sujeito realiza na experiência de geração das emoções, onde são atribuídos significados aos eventos, objetos e situações. Logo, as emoções não são reações automáticas, mas produto de avaliações cognitivas que são feitas pelos sujeitos em resposta aos estímulos. No processo, variáveis como contexto cultural, experiência pessoal e características individuais influenciam as interpretações, podendo surgir diferentes emoções, mesmo em situações semelhantes, a depender de como as avaliações são realizadas.

Os indivíduos desenvolvem estruturas cognitivas que são caracterizadas em esquemas de informações organizadas e interconectadas mentalmente. Essas informações se baseiam em experiências pessoais e sociais anteriores, estabelecendo modelos mentais específicos. que categorizam indivíduos em grupos e generalizar outros. Podemos compreender que essa categorização se relaciona ao processo de estereotipia (Torres & Pérez-Nebra, 2004; Allport, 1954).

Compreender os fatores psicológicos que sustentam o comportamento de uso de substâncias demanda uma abordagem integrativa que considere a influência de valores humanos, atitudes, intenções, reunidos e agindo de forma a deflagrar o comportamento. A articulação entre essas dimensões permite investigar não apenas os aspectos que determinam conscientemente o comportamento, mas também os contextos e motivações que modulam sua expressão em diferentes perfis populacionais (Ajzen, 1991; Gouveia, 2013).

Os valores exercem um papel fundamental na orientação das ações humanas e na expressão das necessidades (Gouveia et al., 2015) apoiando a análise de atitudes, intenções e

comportamentos frente ao uso de substâncias. Gouveia (2003, 2013) enfoca a compreensão dos valores a partir de suas funções psicológicas, ressaltando que valores não são apenas crenças abstratas ou desejos generalizados, mas instrumentos com finalidades específicas, que organizam, orientam e justificam valores, atitudes, intenções e comportamentos.

Nesse contexto, a proposta do presente estudo é construir modelo hierárquico integrativo da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (Gouveia) e Teoria do Comportamento Planejado (Ajzen), alcançando abordagem teórica ajustada, com vistas a apreender fatores contextuais e de experiências anteriores, oferecendo análise integrada dos aspectos individuais, sociais e contextuais, especialmente no que se refere ao construto da intenção, como fator indispensável para a predição do comportamento.

Valores Humanos

A compreensão funcionalista dos valores proposta por Gouveia define duas finalidades principais dos valores na explicação das raízes motivacionais do comportamento e suas intenções, na qual os valores possuem duas funções psicológicas primárias: a de guiar ações e a de expressar necessidades (Gouveia, 2013, Gouveia et al., 2015). Segundo esta teoria, os valores podem ser definidos como "categorias de orientação desejáveis, baseadas nas necessidades humanas e nos processos que as satisfazem" (Gouveia et al., 2015).

O modelo proposto é bifatorial, separado em dois eixos centrais. O primeiro eixo define a orientação dos valores humanos como guias de comportamento que podem ser direcionados ao indivíduo por si e suas metas pessoais, ao propósito central da vida que refletem o indivíduo e as necessidades humanas, e às metas sociais do indivíduo que o inserem no contexto de comunidade (Gouveia, 2013, Gouveia et al., 2015).

O segundo eixo se refere a expressão das necessidades humanas traduzidas em valores que representam motivações expressas pelos indivíduos. A primeira dimensão traduz necessidades idealistas revelando a vida como fonte de oportunidades e a segunda dimensão assinala necessidades materiais revelando a vida como fonte de ameaças (Gouveia 2013).

Em síntese, Gouveia (2013) realiza a junção dos dois eixos centrais e estruturantes dos valores em um delineamento por ele nomeado de 3x2, com três tipos de orientações (*social, central e pessoal*) e dois tipos de motivadores (*materialista e humanitário*). As combinações produzem seis subfunções específicas dos valores: *experimentação, realização, existência, suprapessoal, interativa e normativa*.

A *função existência* associa-se a necessidades de sobrevivência e metas centrais e materialistas essenciais da vida humana, abrangendo preocupações com saúde, segurança e estabilidade pessoal, satisfazendo as necessidades fisiológicas e psicológicas básicas do indivíduo, tais como comer, beber e dormir (Gouveia et al., 2015). Os valores representativos dessa subfunção incluem saúde, sobrevivência e estabilidade pessoal, os quais visam garantir a integridade física e emocional do indivíduo.

A *função realizadora* enseja a expressão do eu no crescimento pessoal, impulsionando a busca por autorrealização e ligados a comportamentos autônomos e de exploração, por isso está ancorada em motivador materialista com orientação pessoal. Refere-se à busca por autoestima e sucesso individual, destacando valores como êxito, prestígio e poder. Indivíduos que priorizam essa subfunção valorizam a competência, a hierarquia baseada em mérito e conquistas materiais como forma de reconhecimento e autorrealização (Gouveia, 2013).

A *função normativa* está diretamente relacionada ao papel dos valores na determinação de condutas sociais e na regulação moral, atuando como guia para os julgamentos do que é certo e errado e na coerência social, portanto possui motivação materialista com direcionamento social. Deriva-se da função normativa duas subcategorias que prescrevem o aspecto normativo - indicação de valores que observam cumprimento de regras, tradições, ética e ordem social - e o aspecto religioso – vinculado à espiritualidade, fé, transcendência e vinculação a crenças superiores.

A *subfunção suprapessoal* representa um motivador humanitário com orientação central. Ela está associada às necessidades de autorrealização, cognição e apreciação estética.

Os valores dessa subfunção, como conhecimento, maturidade e beleza, fornecem um referencial abstrato e universal para a organização cognitiva do indivíduo, configurando decisões baseadas em princípios amplos que não necessariamente possuem viés utilitário.

A *subfunção experimentação* articula um motivador humanitário com orientação pessoal. Refere-se à busca por prazer, novidade e estimulação sensorial, sendo característica de indivíduos abertos à mudança e inovação. Os valores típicos incluem prazer, sexualidade e emoção, os quais expressam o desejo por experiências intensas e gratificantes, com menor foco em metas materiais de longo prazo.

Por fim, a *subfunção interativa* compreende um motivador humanitário com orientação social. Está relacionada às necessidades de associação, engajamento, pertencimento e manutenção de laços afetivos. Os valores afetividade, convivência e apoio social são centrais a essa subfunção, refletindo a importância das relações interpessoais como fim em si mesmas e como fonte de suporte emocional.

É possível afirmar, em síntese, que as subfunções propostas por Gouveia estão distribuídas em duas grandes dimensões que são estruturantes baseadas no tipo de motivação que pode ser compreendido como pessoal ou social, e no tipo de necessidade que possui viés material ou imaterial. “A proposta funcionalista parte da ideia de que os valores humanos representam diferentes funções adaptativas, distribuídas em subfunções segundo sua orientação motivacional e nível de abstração” (Gouveia, 2013). A teoria funcionalista reconhece os valores como aspecto determinante das atitudes, que são expressões mais situadas e específicas dos valores gerais e são a base motivacional do sujeito (Souza et al., 2015).

Figura 1. Funções, subfunções e valores específicos segundo a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (modelo 3x2).

		Valores como padrão-guia de comportamentos (Tipo de orientação)		
		Metas pessoais (o indivíduo por si mesmo)	Metas centrais (o propósito geral da vida)	Metas sociais (o indivíduo na comunidade)
Valores como expressão de necessidades (Tipo de motivador)	Necessidades idealistas (a vida como fonte de oportunidades)	Experimentação Emoção Prazer Sexualidade	Suprapessoal Beleza Conhecimento Maturidade	Interativa Afetividade Apoio social Convivência
	Necessidades materialistas (a vida como fonte de ameaça)	Realização Êxito Poder Prestígio	Existência Estabilidade Saúde Sobrevivência	Normativa Obediência Religiosidade Tradição

Um aspecto relevante a ser citado a respeito da TFBVH de Gouveia (2013) é que possui convergências com outros modelos clássicos de motivação e valores humanos especialmente a teoria das dimensões de valores de Schwartz (1992). O modelo de Schwartz tende a agrupar valores que desempenham funções distintas, sendo esta, a principal crítica de Gouveia à teoria de Schwartz, em que esta não distingue claramente as funções dos valores — sociais, existenciais, experimentais ou normativas — agrupando-os apenas por conteúdo declarativo, sem considerar as funções motivacionais ou psicossociais distintas que os valores podem exercer no indivíduo.

Expressamente, Gouveia busca vincular diretamente os valores às necessidades humanas e suas funções sociais, fornecendo um modelo mais aplicável em contextos empíricos que exigem a distinção entre diferentes tipos de motivações humanas — como estudos sobre comportamento, tomada de decisão, ou adesão a normas sociais. Em contraste, o modelo de Schwartz é mais descritivo e tipológico, agrupando os valores por similaridade de conteúdo, mas sem necessariamente considerar as razões funcionais que levam os indivíduos a endossá-los.

Atitudes

O estudo de Homer e Kahle (1988) representa uma das primeiras validações empíricas da hierarquia entre valores, atitudes e comportamentos. Foi realizado com consumidores em lojas de alimentos naturais, com resultados indicando que valores orientados internamente (como realização pessoal, autoaperfeiçoamento e prazer de viver) estavam associados a atitudes mais favoráveis em relação à nutrição e ao consumo de alimentos naturais. Em contrapartida, valores orientados externamente (como segurança, pertencimento e respeito social) mostraram correlação negativa com essas atitudes. Foi possível confirmar que os valores influenciam os comportamentos de consumo principalmente por meio das atitudes, e não de forma direta reforçando o papel mediador das atitudes e sustentando a importância das atitudes como elo entre motivações abstratas e comportamentos específicos.

As autoras adotam como base o modelo da “value-attitude-behavior hierarchy”, segundo o qual os valores, enquanto construções cognitivas mais abstratas e duradouras, influenciam diretamente as atitudes, que por sua vez funcionam como determinantes mais imediatos do comportamento. Neste contexto, as atitudes são compreendidas como avaliações de objetos, pessoas ou situações, derivadas de estruturas de valor mais amplas, e formadas a partir de processos adaptativos que integram informações do ambiente para orientar ações e escolhas.

Ajzen (2001) em sua teoria do comportamento planejado, formulou o conceito de atitude, compreendendo-as como avaliações duradouras e gerais que os indivíduos formam em relação a objetos, pessoas, ideias ou comportamentos. Essas avaliações representam uma tendência psicológica aprendida, por meio da qual o indivíduo responde de forma favorável ou desfavorável a um objeto específico. Possuem fortes componentes cognitivos e afetivos organizados com base em um modelo de expectativa-valor, derivando do somatório das crenças específicas multiplicadas pela valência (positiva ou negativa) de cada atributo.

A formulação de Ajzen (2001) permite quantificar e prever atitudes a partir das cognições associadas ao objeto atitudinal. Além disso, uma característica central da teoria de Ajzen é a de distinguir atitudes de outros construtos correlatos, como intenções e normas subjetivas, nos ajudando a compreender que atitudes são antecedentes diretos das intenções comportamentais e, por consequência, do próprio comportamento.

É relevante destacar que para Ajzen as atitudes se intensificam através de componentes afetivos e comportamentais. Logo, as atitudes que são fortemente ancoradas em valores centrais e facilmente acessadas cognitivamente, tendem a prever o comportamento com maior precisão. Outro ponto relevante da teoria de Ajzen (2001) assinala que as atitudes podem ser ativadas tanto por processos conscientes quanto automáticos, ou seja, sem a mediação de raciocínio deliberado. Esse reconhecimento da automaticidade amplia a compreensão tradicional, que via as atitudes como fruto apenas de processos racionais.

Homer e Kahle (1988) destacam ainda que o construto atitude, ao se situar em um nível intermediário de abstração cognitiva, permite maior ajuste à situação e à experiência do indivíduo, refletindo melhor as predisposições comportamentais do que os valores sozinhos. As atitudes atuam como filtros interpretativos que traduzem os valores centrais de uma pessoa em decisões práticas e observáveis, e são fundamentais para a previsão do comportamento em contextos aplicados. Podemos conceber as atitudes como operadoras de avaliações subjetivas que orientam intenções e escolhas comportamentais.

Milfont, Duckitt e Wagner (2010) investigaram a estrutura hierárquica das atitudes ambientais em amostras do Brasil, Nova Zelândia e África do Sul, e encontraram evidências de que atitudes constituem um construto multidimensional organizado em fatores de ordem superior. Os resultados reforçam a compreensão das atitudes como avaliações organizadas cognitivamente e indicam que essa estrutura hierárquica pode auxiliar na explicação de comportamentos.

Medeiros et al. (2015) explora o papel das atitudes como variável mediadora entre os valores humanos e o comportamento adotado pelos indivíduos, tendo como base teórica o modelo hierárquico proposto por Homer e Kahle (1988), o qual estabelece uma sequência causal de valores, atitudes e comportamento. Este modelo parte do pressuposto de que os valores, por serem mais abstratos e estáveis, influenciam as atitudes, que, por sua vez, são os preditores mais imediatos do comportamento. Assim, atitudes são entendidas como avaliações positivas ou negativas que um indivíduo possui diante de determinado objeto ou situação, exercendo papel crucial na mediação entre valores e ações.

Intenção

Segundo Fishbein e Ajzen (1975), a intenção representa o determinante mais próximo do comportamento volitivo, sendo definida como uma predisposição *consciente* de um indivíduo para realizar uma ação específica. Diferente das atitudes, que expressam uma avaliação global favorável ou desfavorável em relação a um objeto ou comportamento, a intenção reflete o compromisso motivacional do indivíduo em executar determinada conduta.

Os autores argumentam que, para comportamentos sob controle volitivo, a intenção comportamental é o melhor preditor de ação, e ocupa posição central no modelo de crenças, atitudes, intenções e comportamentos. Essa intenção é formada com base em duas grandes fontes: a atitude em relação ao comportamento e as normas subjetivas, ou seja, a percepção de expectativas sociais relevantes. Assim, um indivíduo tende a formar uma forte intenção de agir a partir das crenças sobre as consequências esperadas de se realizar o comportamento e das avaliações dessas consequências. A norma subjetiva se refere a percepção de expectativas socialmente relevantes, como, por exemplo, acreditar que pessoas importantes para ele esperam essa ação. A intenção, portanto, funciona como um elo cognitivo essencial entre os fatores motivacionais e o comportamento observável, permitindo fornecer previsões mais precisas das condutas humanas deliberadas.

Um ponto relevante na dinâmica proposta por Fishbein e Ajzen (1975) é a correspondência entre intenção e comportamento, pois para que uma intenção seja considerada um preditor efetivo é preciso que haja uma correspondência de elementos essenciais que são a ação pretendida, o objeto da ação, o contexto em que essa ação ocorre e o tempo em que será realizada. Quando os elementos essenciais não estão alinhados, pode haver um enfraquecimento relevante na relação entre a intenção e o comportamento em tela.

É possível analisar a intencionalidade através de uma perspectiva de atribuição causal, uma vez que o comportamento é interpretado como intencional quando se acredita que o ator da ação previu os efeitos de sua ação e que estes, foram produzidos por meio de controle consciente e voluntário, e não ao acaso. Fatores como percepção de liberdade de escolha e atratividade do comportamento também são capazes de modular a percepção de intenção, pois os comportamentos que são expressos em um contexto de alta liberdade de escolha são mais facilmente interpretados como intencionais, da mesma maneira, àqueles que são socialmente entendidos como indesejáveis, tendem a ser associados a disposições internas mais fortes para o eliciamento do comportamento.

Em 1991, Ajzen publica um novo artigo apresentando a Teoria do Comportamento Planejado, no qual a intenção continua sendo considerada o principal determinante para o comportamento, porém aprofunda o conceito quando introduz o esforço motivacional como fator determinante para indicar o quanto o indivíduo está disposto a se esforçar para realizar o comportamento:

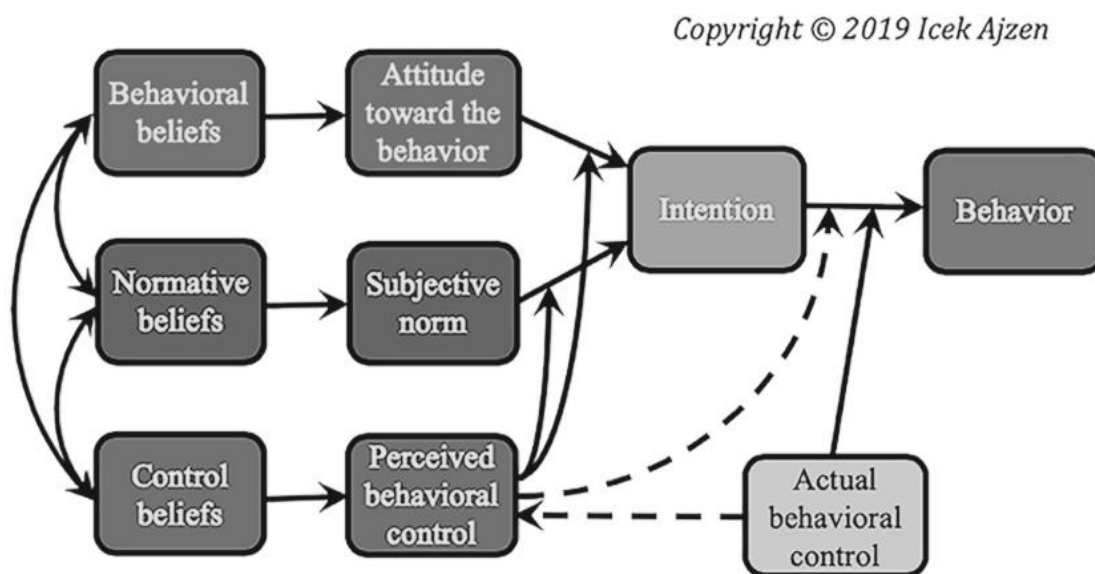
“Intentions are assumed to capture the motivational factors that influence a behavior; they are indications of how hard people are willing to try, how much of an effort they are planning to exert in order to perform the behavior” (Ajzen, 1991, p. 181)

Além disso, apresenta também nova distinção de controle, sendo o controle real os fatores objetivos envolvidos como tempo, dinheiro e apoio social, e controle percebido ancorado na crença do indivíduo a respeito do quanto acredita conseguir agir a despeito dos

obstáculos e dificuldades encontradas. Quanto mais realista for a percepção de controle, maior a probabilidade de que a intenção se traduza efetivamente em ação. Em contraste, quando o comportamento depende de fatores externos a concretização da ação pode não ocorrer, mesmo diante de uma intenção forte.

Figura 2. Modelo da Teoria do Comportamento Planejado (*Theory of Planned Behavior – TPB*).

Fonte: Ajzen (2019). Copyright © Icek Ajzen.



Esses aspectos ajudam a compreender mais profundamente o comportamento humano, especialmente em situações em que mesmo com a intenção o comportamento não ocorre ou no eixo inverso, quando o comportamento ocorre mesmo com intenção fraca, que pode ser decorrente da facilidade da ação ou à automatização do comportamento por hábito.

Embora não seja o foco central da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (TFVH), Gouveia reconhece a importância da intenção como variável mediadora entre valores, atitudes e comportamento, especialmente ao integrar e dialogar com modelos clássicos como a Teoria da Ação Racional (Fishbein & Ajzen, 1975) e a Teoria do Comportamento Planejado (Ajzen, 1991).

Pesquisas aplicadas têm demonstrado de forma consistente o modelo hierárquico em que os valores influenciam as atitudes, as quais, por sua vez, afetam diretamente as intenções comportamentais — entendidas como predisposições conscientes para a ação — e, posteriormente, o comportamento. Evidências empíricas nesse sentido foram observadas em estudos voltados ao uso de substâncias, como álcool e maconha, nos quais as atitudes mediaram a relação entre valores e intenção de consumo (Gouveia et al., 2005; Medeiros et al., 2015; Pimentel et al., 2014). Outros trabalhos corroboram essa perspectiva ao indicar que os valores exercem papel preditor indireto sobre condutas específicas por meio das atitudes e intenções (Gouveia, 2013; Gouveia, Milfont & Guerra, 2014). Assim, a intenção é concebida como uma variável de natureza mais imediata e situada no intervalo cognitivo-afetivo que conecta disposições abstratas (valores) a ações concretas (comportamentos), reforçando a visão de que o comportamento humano é regido por uma sequência lógica de motivações internalizadas.

É relevante destacar que, no caso do consumo de substâncias, a força da intenção pode ser modulada por estados emocionais transitórios, impulsividade, hábitos enraizados ou pela intensidade do desejo relacionado ao uso. Tais fatores podem reduzir o impacto preditivo da intenção, mesmo quando ela é cognitivamente formada, o que aponta para a necessidade de integrar variáveis autorregulatórias e afetivas ao modelo, especialmente em contextos clínicos ou populacionais de risco (Scherer et al., 2001; Pimentel et al., 2014).

Consumo de Substâncias

A análise do uso de substâncias como álcool, maconha e outras drogas a partir de modelos psicológicos permite a compreensão de sua natureza multifatorial deste fenômeno, ao articular elementos cognitivos, afetivos e sociais. A proposta do modelo hierárquico valores → atitudes → intenção → comportamento visa compreender como crenças e motivações internalizadas se traduzem em decisões práticas, mesmo em situações que envolvem comportamentos de risco. Assim, a intencionalidade do uso pode refletir tanto uma avaliação

racional do sujeito quanto respostas automáticas, habituais ou impulsivas, exigindo modelos que reconheçam tal complexidade (Ajzen, 1991; Gouveia et al., 2005).

Para mensurar valores, atitudes e intenção frente ao uso de substâncias, diversos instrumentos psicometricamente validados têm sido desenvolvidos e aplicados em diferentes populações, inclusive brasileiras. Entre eles, destacam-se a Escala de Atitudes Frente ao Uso de Álcool (EAFUA), em que Gouveia et al. (2009) demonstraram sua validade unidimensional e alta confiabilidade ($\alpha = 0,93$), com atitudes mais favoráveis ao álcool correlacionando-se significativamente com o consumo, especialmente entre homens.

Em paralelo, a Escala de Atitudes Frente ao Uso de Maconha (EAFUM) mostrou-se igualmente válida e confiável para adolescentes (Gouveia et al., 2005). A Escala de Atitudes Frente ao Uso de Drogas (EAFUD) também demonstrou poder preditivo quanto ao comportamento de uso (Gouveia et al., 2007), consolidando a relevância do construto atitude no contexto do consumo de substâncias.

Pimentel et al. (2007) validaram a Escala de Atitudes frente ao Uso de Drogas (EAFUD), mostrando sua capacidade preditiva para o uso de substâncias, com um componente principal explicando 79,3% da variância ($\alpha = 0,91$). Em outro estudo, Pimentel et al. (2009) exploraram as relações entre atitudes frente ao álcool, maconha e outras drogas, identificando que as atitudes em relação à maconha medeiam a relação entre atitudes sobre álcool e drogas, destacando a influência de variáveis como gênero e idade. Esses resultados sugerem que intervenções focadas em modificar atitudes específicas podem ter efeitos cascata sobre o consumo de múltiplas substâncias.

A Teoria do Comportamento Planejado (TCP) foi aplicada por Pimentel et al. (2014) para analisar a intenção de consumo de álcool, corroborando o papel preditivo de atitudes, normas subjetivas e controle percebido. Paralelamente, Galdós (2009) utilizou a TCP para estudar o consumo de cocaína, encontrando diferenças significativas entre consumidores e não consumidores, com atitudes e normas subjetivas como preditores críticos. Ronzani e Furtado

(2010) abordaram o estigma social associado ao uso de álcool, enfatizando seu impacto negativo na prevenção e tratamento. Eles argumentam que estereótipos moralizantes podem prejudicar a qualidade da assistência, reforçando a necessidade de estratégias para reduzir o estigma.

Nascimento et al. (2011) e Pimentel et al. (2016) exploraram atitudes frente a instituições (Polícia) e mídias sociais (Facebook), embora não enfoquem necessariamente o tema das drogas, os estudos demonstram a versatilidade das escalas de atitudes em diferentes contextos.

Medeiros et al. (2015) expandiram essa discussão ao testar um modelo hierárquico, evidenciando que valores de experimentação predizem atitudes favoráveis ao álcool, enquanto valores normativos as inibem, com atitudes atuando como mediadoras do comportamento. O estudo avançou na compreensão da relação entre valores humanos, atitudes e consumo de álcool ao propor um modelo hierárquico baseado na Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (Gouveia, 2013) e na Teoria do Comportamento Planejado (Ajzen, 1991).

Os resultados indicaram que valores de experimentação como busca pelo prazer, predizem atitudes favoráveis ao álcool, enquanto valores normativos como religiosidade, as inibem, com as atitudes atuando como mediadoras parciais do comportamento. No entanto, embora o estudo sugira, em sua fundamentação teórica, que a intenção desempenharia um papel central nessa cadeia, essa variável não foi operacionalizada diretamente, limitando a capacidade de testar empiricamente o modelo completo.

Essa lacuna abre caminho para o presente estudo, no sentido de incorporar medidas explícitas de intenção e análises de mediação estatística, permitindo validar a integração proposta entre valores, atitudes, intenção e comportamento. Apesar dessa limitação, o trabalho oferece um marco teórico valioso para investigar padrões de consumo de substâncias, destacando a importância de considerar tanto antecedentes distais (valores) quanto mecanismos cognitivos (atitudes e intenção) no desenho de intervenções.

Em síntese, os artigos convergem para a relevância de medidas psicométricas válidas e modelos teóricos relevantes (como a TCP e o modelo hierárquico valores-atitudes-comportamento) para entender o uso de substâncias. Embora a TCP aponte a intenção como principal preditor do comportamento, evidências recentes (ex.: Pimentel et al., 2014) sugerem que essa relação pode ser menos direta em comportamentos de risco, como o uso de drogas, nos quais fatores como impulsividade ou acesso às substâncias moderam sua força preditiva. Por esta razão, o presente estudo se propõe a incorporar tais variáveis que são mais profundamente abordadas na Teoria Funcionalista dos Valores Humanos de Gouveia (2013) para capturar nuances contextuais.

Objetivos

O presente estudo tem por objetivo geral propor e testar um modelo hierárquico que integre valores humanos, atitudes, intenção e comportamento de uso de álcool, maconha e outras drogas em adolescentes do Distrito Federal, verificando relações de predição e mediação entre essas variáveis.

Objetivos Específicos

1. Estudar a relação entre valores humanos, atitudes, intenção e comportamento de uso de álcool em adolescentes do Distrito Federal.
2. Estudar a relação entre valores humanos, atitudes, intenção e comportamento de uso de maconha e outras drogas em adolescentes do Distrito Federal.
3. Analisar a validade preditiva do modelo hierárquico proposto para cada uma das categorias (uso de álcool e uso de maconha e outras drogas).
4. Comparar a força dos efeitos diretos e indiretos entre os construtos nos dois estudos

Neste estudo será realizada a testagem do modelo conceitual hierárquico:

[Valores Humanos] → [Atitudes frente ao uso] → [Intenção de uso] → [Uso de Álcool] e [Uso de Maconha e outras Drogas].

Hipóteses

Com base no modelo hierárquico, propõem-se testar um conjunto de hipóteses que examinam: (a) os efeitos das subfunções valorativas da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (especialmente Experimentação/Excitação e Normatividade/Conformidade) sobre atitudes frente ao uso; (b) a mediação da intenção de uso na relação entre atitudes e comportamento; e (c) diferenças de força dos efeitos quando o desfecho é álcool versus drogas ilícitas. Esse encadeamento conceitual dialoga com evidências de que valores (construtos mais abstratos e estáveis) se traduzem em atitudes específicas, que por sua vez ancoram a intenção e, finalmente, o comportamento associado.

H1 — Valores de Experimentação/Excitação → atitudes mais favoráveis ao uso

A subfunção Experimentação articula prazer, novidade e estimulação, típica de indivíduos abertos à mudança e à busca de experiências intensas (Gouveia, 2013). Valores orientados à experimentação tendem a elevar a valência das crenças sobre os resultados do uso, formando atitudes mais favoráveis, em consonância com o modelo expectativa–valor (Ajzen, 2001). Estudos empíricos no Brasil confirmam que “valores de experimentação como busca pelo prazer predizem atitudes favoráveis ao álcool” (Medeiros et al., 2015).

H2 — Valores de Normatividade/Conformidade → atitudes menos favoráveis ao uso

A subfunção Normativa, ancorada em regras, tradição e ordem social, “atua como guia para os julgamentos do que é certo e errado” (Gouveia, 2013). Assim, tende a inibir práticas percebidas como desviantes e formar atitudes negativas frente ao uso de substâncias. No Brasil, evidências mostraram que “valores normativos como religiosidade inibem atitudes favoráveis ao álcool” (Medeiros et al., 2015), corroborando a direção esperada no elo valores → atitudes.

H3 — Intenção de uso mediará o efeito das atitudes sobre o comportamento

Na Teoria do Comportamento Planejado (TCP), Ajzen (1991, p. 181) define: “Intentions are assumed to capture the motivational factors that influence a behavior; they are indications of how hard people are willing to try, how much of an effort they are planning to exert in order to perform the behavior”. Isso a coloca como determinante proximal do

comportamento, ainda que influências contextuais (pressão social, impulsividade, disponibilidade) interfiram na tradução da intenção em ação (Pimentel et al., 2014). Assim, espera-se uma mediação parcial: atitudes elevam a intenção e esta prediz o uso, mas pode haver efeito direto remanescente de atitudes sobre comportamento (Gouveia et al., 2005; Medeiros et al., 2015).

H4 — Valores → Atitudes será mais forte para álcool do que para drogas ilícitas

O álcool, por ser lícito e amplamente aceito, é mais sensível ao perfil valorativo individual. “Atitudes mais favoráveis ao álcool correlacionam-se significativamente com o consumo” (Gouveia et al., 2009), sendo fortemente moduladas por valores de experimentação e normatividade (Medeiros et al., 2015). Já para drogas ilícitas, barreiras legais e riscos percebidos reduzem o peso direto de valores pessoais, deslocando a explicação para normas e controle percebido (Ajzen, 1991).

H5 — A mediação da intenção será mais forte para álcool do que para drogas ilícitas

Na TCP, a relação intenção→comportamento é mais robusta quando a ação está sob controle volitivo (Ajzen, 1991). Para o álcool, disponível legalmente, intenções derivadas de atitudes têm maior probabilidade de se traduzirem em consumo (Pimentel et al., 2014). Já para ilícitas, fatores externos como acesso e risco legal reduzem essa força. Logo, “a intenção desempenha papel central na cadeia valores–atitudes–comportamento, mas sua tradução em ação depende de fatores contextuais” (Gouveia, 2013; Medeiros et al., 2015).

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa um total de 220 estudantes de escolas públicas e privadas do Distrito Federal, distribuídos equitativamente quanto ao sexo, quanto à idade dos envolvidos, variou de 12 a 42 anos ($M = 16,94$; $DP = 4,03$). A escolaridade variou desde o 6º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio, sendo a maioria no ensino médio, 102 do 3º ano (37,8%); 34 do 2º ano (12,6%) e 37 do 1º ano do (13,7%). Em sua maioria de

escolas privadas (51,9%) e de classe média (43,3%). Moderadamente religiosos (28,5%) e predominantemente solteiros (77,8%). O tamanho da amostra atendeu ao critério de 10 respondentes por item sugerido por Kline (2010) e Pasquali (2012), garantindo robustez para análises fatoriais confirmatórias e modelagem de equações estruturais.

Instrumentos

Questionário dos Valores Básicos (QVB). Instrumento elaborado por Gouveia (2003), constituído por 18 itens ou valores específicos (por exemplo, Prazer – desfrutar da vida; satisfazer todos os seus desejos). Os itens são respondidos em escala de sete pontos, variando de 1 (Totalmente não importante) a 7 (Totalmente importante), indicando o grau de relevância que cada valor possui como princípio-guia na vida da pessoa.

Estudos têm demonstrado a adequação psicométrica desta medida (Gouveia et al., 2008; Gouveia, Milfont, & Guerra, 2014). No estudo Original, Gouveia (2003) apresenta evidências de validade, de estrutura interna, por meio de análises de escalonamento multidimensional (RSQ = 0,82; S-Stress = 0,19) e de análise fatorial confirmatória, que corroboraram a configuração teórica de três critérios de orientação (pessoal, central e social) e seis funções psicossociais (experimentação, realização, existência, suprapessoal, interacional e normativa), com índices de ajuste satisfatórios ($\chi^2/g.l.$ = 2,67; GFI = 0,91; AGFI = 0,89; RMSEA = 0,05) (Gouveia, 2003).

Quanto à consistência interna, as seis funções psicossociais apresentaram valores aceitáveis de alfa de Cronbach (média de 0,51), considerados adequados em função do número reduzido de itens por dimensão e da natureza exploratória do instrumento (Gouveia, 2003; Gouveia, Fonsêca, Gouveia & Cavalcanti, 2008). O QVB também apresenta validade convergente com a teoria de Schwartz (1992), evidenciando que valores pessoais (experimentação e realização) alinham-se a interesses individuais, valores sociais (interacionais e normativos) a interesses coletivos, e valores centrais (existência e

suprapessoais) a interesses mistos, como segurança e universalismo (Tamayo & Schwartz, 1993; Gouveia, 2003).

Adicionalmente, estudos confirmaram sua validade preditiva, demonstrando que valores normativos (ex.: obediência, religiosidade, tradição) correlacionam-se positivamente com religiosidade ($r = 0,48$; $p < 0,001$), enquanto valores de experimentação (emoção, prazer, sexualidade e estimulação) correlacionam-se negativamente ($r = -0,11$; $p < 0,05$), indicando sensibilidade do instrumento para diferenciar padrões motivacionais de acordo com variáveis externas (Gouveia, 2003; Gouveia, Milfont & Guerra, 2014). Essas evidências sustentam a utilização do QVB como uma medida válida e confiável para investigações sobre valores humanos e sua relação com atitudes, crenças e comportamentos em diferentes contextos sociais e culturais, como no caso dessa dissertação.

Foram, ainda, utilizados nesta pesquisa os seguintes instrumentos: 1) *Escala de Atitudes Frente ao Uso de Álcool (EAFUA)*, 2) *Escala de Atitudes Frente ao Uso de Maconha (EAFUM)* e 3) *Escala de Atitudes Frente ao Uso de Drogas (EAFUD)*. As medidas são auto-administráveis (*self-report*) e seguem a forma da EAFUM, adaptada por Gouveia et al. (2005), sendo baseada em escala de diferencial semântico desenvolvida por Crites, Fabrigar e Petty (1994) para vários objetos atitudinais, sendo utilizadas por Simons e Carey (2000) para o uso de maconha e álcool (ver também Simons & Gaher, 2004). Cada instrumento usado baseia-se em 4 escalas de diferencial semântico, que objetivam conhecer a avaliação geral do participante acerca estar sob o efeito de bebidas alcoólicas (4 itens), estar sob o efeito de maconha (4 itens) e estar sob o efeito de drogas (como cocaína, crack ou ecstasy, 4 itens). Os quatro pares de adjetivos, itens, (positivo/negativo, agradável/desagradável, bom/ruim e desejável/indesejável) localizados nos extremos do diferencial semântico de 9 pontos. Conforme a versão da EAFUM, as pontuações 1, 2, 3 e 4 significam atitudes favoráveis, sendo 5 o ponto nulo, enquanto as pontuações 6, 7, 8 e 9 implicam atitudes desfavoráveis frente ao uso. O participante, assim, deveria se basear na frase “Considero estar sob o efeito de álcool...” e

responder no *continuum* do diferencial semântico (positivo/negativo, agradável/ desagradável, bom/ruim e desejável/indesejável). Esta frase estímulo também foi usada para maconha e drogas.

As três escalas utilizadas apresentam evidências robustas de validade e confiabilidade psicométrica. No caso da Escala de Atitudes Frente ao Uso de Álcool (EAFUA), Gouveia et al. (2005) descrevem que a medida apresenta estrutura unifatorial consistente, explicando 79,2% da variância total, com alfa de Cronbach de 0,94, o que confirma sua precisão interna. Quanto à Escala de Atitudes Frente ao Uso de Maconha (EAFUM), Gouveia et al. (2005, p. 8) destacam que: *“a análise PC confirmou a unidimensionalidade da EAFUM, com eigenvalue de 3,36. Esse fator geral logrou explicar 84% da variância total. O índice de consistência interna (alfa de Cronbach) mostrou-se igualmente adequado ($\alpha = 0,94$)”*. Já em relação à Escala de Atitudes Frente ao Uso de Drogas (EAFUD), Gouveia et al. (2007, p. 55) afirmam que: *“um único componente emergiu, com todos os itens apresentando saturação acima de $|0,40|$; este teve valor próprio de 3,17, explicando 79,3% da variância total. Sua consistência interna (alfa de Cronbach) foi de 0,91”*. Esses resultados atestam a adequação psicométrica das três medidas para avaliar as atitudes frente ao uso de substâncias no contexto brasileiro.

Nota metodológica: nas escalas de atitudes (EAFUA, EAFUM e EAFUD), maiores escores indicam maior desfavorabilidade ao uso de substâncias. Assim, coeficientes negativos refletem atitudes mais favoráveis ao uso, ao passo que coeficientes positivos refletem atitudes mais desfavoráveis.

Questões sociodemográficas

Objetivou caracterizar os participantes da pesquisa, sendo apresentadas posteriormente as escalas previamente descritas. Especificamente, esta parte foi composta por oito perguntas: idade, sexo, estado civil, escola (pública ou particular), religiosidade, classe socioeconômica e, por fim, consumo de álcool, maconha e drogas. Neste caso, perguntou-se se o participante

consumia bebida alcóolica, maconha e se fazia o uso de outras drogas tendo a possibilidade de indicar 1 (sempre) ou 5 (nunca).

Procedimento de Coleta de Dados

Após autorização dos diretores e/ou da coordenação pedagógica das escolas, os alunos foram convidados a participar da pesquisa. Em caso de recusa, buscava-se outra pessoa que aceitasse participar. Neste ensejo, era-lhe garantido o anonimato e o sigilo das respostas conforme explicitado no TCLE. A aplicação foi realizada de forma individual no próprio ambiente escolar, contando com a colaboração de professores, que aplicaram a escala, e de assistentes de pesquisa, que receberam treinamento prévio acerca de como proceder e dirimir quaisquer dúvidas. Neste caso, foram instruídos a prestar esclarecimentos aos professores, apenas sobre a forma de resposta, nunca com relação ao conteúdo do instrumento. Em média dez minutos foram suficientes para completar sua participação.

Procedimento de Análise de Dados

Inicialmente, no PASW/SPSS, foram calculadas estatísticas descritivas, como média e desvio-padrão, além de análises bivariadas por meio de correlações de Pearson e testes de diferenças de média, caso necessário. Em seguida, utilizou-se o AMOS para a realização da Modelagem de Equações Estruturais (SEM), adotando-se o método de Máxima Verossimilhança (MV), considerado robusto mesmo em situações de desvios da normalidade (Marôco, 2010; Kline, 2010).

Conforme as recomendações de Anderson e Gerbing (1988), procedeu-se primeiramente ao teste dos modelos de medida, por meio da Análise Fatorial Confirmatória (AFC), e, posteriormente, ao teste do modelo estrutural, o que possibilitou a verificação das relações entre os construtos. Para a avaliação da qualidade do ajuste dos modelos, foram considerados diferentes indicadores: índices absolutos (χ^2/df , RMR, SRMR, GFI/AGFI), índices relativos (CFI, TLI), índices de parcimônia (PGFI, PCFI) e índices de discrepância populacional (RMSEA). Complementarmente, foram utilizados os índices baseados na teoria

da informação (AIC e ECVI), com o objetivo de comparar modelos concorrentes e avaliar sua estabilidade (Hu & Bentler, 1999; Marôco, 2010; Browne & Cudeck, 1989). Nos casos em que houvesse necessidade de reespecificação do modelo, a decisão seria pautada por critérios estatísticos e teóricos, considerando-se os valores t (com significância para $|t| > 1,96$), os resíduos padronizados (cujos valores absolutos deveriam permanecer inferiores a 2,58) e os índices de modificação (IM), respeitando-se sempre os fundamentos teóricos que orientaram a construção do modelo (Marôco, 2010).

Resultados

Organizou-se esta seção dos resultados baseada nas hipóteses previamente estabelecidas. Portanto, inicialmente apresentam-se as evidências de validade das escalas de atitudes frente ao álcool, outras drogas e maconha. A partir disso, são apresentados os valores dos correlatos entre valores, atitudes frente ao uso de maconha, outras drogas e álcool. Posteriormente descrevem-se as relações hierárquicas estabelecidas, a partir do modelo explicativo [Valores Humanos] → [Atitudes frente ao uso] → [Intenção de uso] → [Uso de Álcool] e [Uso de Maconha e outras Drogas].

Evidências de Validade do Questionário dos Valores Básicos (QVB)

A análise preliminar dos Componentes Principais (PC) e a matriz de intercorrelações mostrou-se fatorizável, como pode ser observado com o teste de esfericidade de Bartlett ($p < 0,000$) e KMO, que foi de 0,71, aceitável (Pasquali, 2010). Em seguida, foi analisada a dimensionalidade da escala com base em diferentes métodos. O critério de Kaiser identificou uma estrutura de 6 fatores que explicam 56,84% da variância total. O teste do gráfico de segmentação (*scree plot*) indicou que o QVB suporta a estrutura original descrita por Gouveia (2003) com 6 fatores.

De posse dessas informações, procedeu-se à análise fatorial pelo método dos eixos principais (*PAF*), com rotação promax, para a extração da solução com 6 fatores. A análise de precisão foi obtida pelo coeficiente alfa de Cronbach. A estrutura final do QVB portanto, reteve

seis itens que apresentaram compatibilidades teóricas e parcimônia. A consistência interna, as seis funções psicossociais apresentaram valores aceitáveis de alfa de Cronbach (média de 0,50), considerados adequados em função do número reduzido de itens por dimensão e da natureza exploratória do instrumento, bem como, com os valores originais (Gouveia, 2003; Gouveia, Fonsêca, Gouveia & Cavalcanti, 2008). A seguir, apresenta-se as evidências de validade da Escala de Atitudes Frente ao Uso de Álcool (EAFUA).

Evidências de Validade da Escala de Atitudes Frente ao Uso de Álcool (EAFUA)

A análise preliminar dos Componentes Principais (PC) e a matriz de intercorrelações mostrou-se fatorizável, como pode ser observado com o teste de esfericidade de Bartlett ($p < 0,000$) e KMO, que foi de 0,84, muito bom (Pasquali, 2010). Em seguida, foi analisada a dimensionalidade da escala com base em diferentes métodos. O critério de Kaiser identificou uma estrutura unifatorial que explicam 85,09% da variância total. O teste do gráfico de segmentação (*scree plot*) indicou que a EAFUA é unifatorial, o que foi corroborado pela análise paralela de Horn.

De posse dessas informações, procedeu-se à análise fatorial pelo método dos eixos principais (*PAF*), com rotação promax, para a extração da solução unifatorial. A análise de precisão foi obtida pelo coeficiente alfa de Cronbach. A estrutura final da EAFUA portanto, reteve quatro itens que apresentaram compatibilidades teóricas e parcimônia. A Tabela 1 fornece uma síntese dos resultados finais retidos da análise fatorial exploratória.

Tabela 1. *Matriz fatorial da EAFUA*

Itens	Fator 1
IP13	0,92
IP14	0,90
IP12	0,89
IP18	0,87
Autovalor	3,40
Número de itens	4
% Var. Explicada	85,09
Alfa	0,94

O fator da EAFUM está estruturado de forma bastante satisfatória, representando bem a dimensão teórica do estudo original (Gouveia et al., 2005). A seguir, apresenta-se as evidências de validade da Escala de Atitudes Frente ao Uso da Maconha (EAFUM).

Evidências de Validade da Escala de Atitudes Frente ao Uso de Maconha (EAFUM)

A análise preliminar dos Componentes Principais (PC) e a matriz de intercorrelações mostrou-se fatorizável, como pode ser observado com o teste de esfericidade de Bartlett ($p < 0,000$) e KMO, que foi de 0,85, muito bom (Pasquali, 2010). Em seguida, foi analisada a dimensionalidade da escala com base em diferentes métodos. O critério de Kaiser identificou uma estrutura unifatorial que explicam 81,30% da variância total. O teste do gráfico de segmentação (*scree plot*) indicou que a EAFUM é unifatorial, o que foi corroborado pela análise paralela de Horn.

De posse dessas informações, procedeu-se à análise fatorial pelo método dos eixos principais (*PAF*), com rotação promax, para a extração da solução unifatorial. A análise de precisão foi obtida pelo coeficiente alfa de Cronbach. A estrutura final da EAFUM portanto, reteve quatro itens que apresentaram compatibilidades teóricas e parcimônia. A Tabela 2 fornece uma síntese dos resultados finais retidos da análise fatorial exploratória.

Tabela 2. *Matriz fatorial da EAFUM*

Itens	Fator 1
IP13	0,91
IP14	0,90
IP12	0,87
IP18	0,78
Autovalor	3,25
Número de itens	4
% Var. Explicada	81,29
Alfa	0,92

O fator da EAFUD está estruturado de forma bastante satisfatória, representando bem a dimensão teórica do estudo original (Gouveia et al., 2005). A seguir, apresenta-se as evidências de validade da Escala de Atitudes Frente ao Uso de Outras Drogas (EAFUD)

Evidências de Validade da Escala de Atitudes Frente ao Uso de Drogas (EAFUD)

A análise preliminar dos Componentes Principais (PC) e a matriz de intercorrelações mostrou-se fatorizável, como pode ser observado com o teste de esfericidade de Bartlett ($p < 0,000$) e KMO, que foi de 0,84, muito bom (Pasquali, 2010). Em seguida, foi analisada a dimensionalidade da escala com base em diferentes métodos. O critério de Kaiser identificou uma estrutura unifatorial que explicam 81,08% da variância total. O teste do gráfico de segmentação (*scree plot*) indicou que a EAFUD é unifatorial, o que foi corroborado pela análise paralela de Horn.

De posse dessas informações, procedeu-se à análise fatorial pelo método dos eixos principais (*PAF*), com rotação promax, para a extração da solução unifatorial. A análise de precisão foi obtida pelo coeficiente alfa de Cronbach. A estrutura final da EAFUD portanto, reteve quatro itens que apresentaram compatibilidades teóricas e parcimônia. A Tabela 3 fornece uma síntese dos resultados finais retidos da análise fatorial exploratória.

Tabela 3. *Matriz fatorial da EAFUD*

Itens	Fator 1
IP13	0,92
IP14	0,90
IP12	0,84
IP18	0,80
Autovalor	3,24
Número de itens	4
% Var. Explicada	81,08
Alfa	0,92

O fator da EAFUD está estruturado de forma bastante satisfatória, representando bem a dimensão teórica do estudo original (Gouveia et al., 2007). A seguir, apresentam-se as análises de correlação de Pearson, o teste do modelo hierárquico.

Análise Correlacional entre os Valores, Atitudes frente ao uso, Intenção de uso e Uso

Com o objetivo de compreender as relações lineares entre os construtos investigados no modelo hierárquico (Valores → Atitudes → Intenção → Comportamento) foi conduzida a Análise de Correlação de Pearson. A matriz de correlação de Pearson ($N = 220$) examinou as relações lineares entre os seis tipos de valores humanos (Experimentação, Normativa,

Realização, Existência, Suprapessoal e Interativa) e as atitudes frente ao uso de álcool, maconha e outras drogas. Os resultados revelaram associações significativas que contribuem para compreender a forma como diferentes orientações valorativas se relacionam com a avaliação de comportamentos de consumo de substâncias psicoativas. A Tabela 4 sintetiza os resultados.

Tabela 4. *Correlação de Pearson entre valores humanos (Experimentação, Normativa, Realização, Existência, Suprapessoal e Interativa) e as atitudes frente ao uso de álcool, maconha e outras drogas.*

	Experimentação	Normativa	Realização	Existência	Suprapessoal	Interativa	Álcool	Maconha	Drogas
Experimentação	1								
Normativa	-0,227**	1							
Realização	0,367**	0,076	1						
Existência	0,088	0,186**	0,356**	1					
Suprapessoal	0,042	0,344**	0,378**	0,285**	1				
Interativa	0,103	0,206**	0,334**	0,219**	0,408**	1			
Álcool	-0,290**	0,347**	0,027	0,061	0,128	0,075	1		
Maconha	-0,195**	0,321**	0,049	0,063	0,113	0,192**	0,578**	1	
Drogas	-0,177**	0,186**	0,019	0,099	0,067	0,140*	0,466**	0,781**	1

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Entre os valores humanos, observou-se uma correlação negativa entre a subfunção Experimentação e a subfunção Normativa ($r = -0,227$, $p < 0,001$), evidenciando a oposição entre a busca por prazer, novidade e estimulação, de um lado, e a valorização da obediência a regras e tradições, de outro. Além disso, a Experimentação apresentou correlação positiva com Realização ($r = 0,367$, $p < 0,001$), indicando que indivíduos orientados para a busca de experiências prazerosas também tendem a valorizar conquistas pessoais e crescimento individual. A Realização, por sua vez, mostrou associações positivas com os valores Existência ($r = .356$, $p < 0,001$), Suprapessoal ($r = 0,378$, $p < 0,001$) e Interativa ($r = 0,334$, $p < 0,001$), o que sugere que a autorrealização se articula com necessidades de estabilidade, conhecimento e vínculos sociais. A Normativa também apresentou correlações positivas com Existência ($r = 0,186$, $p = 0,006$), Suprapessoal ($r = 0,344$, $p < 0,001$) e Interativa ($r = 0,206$, $p = 0,002$), reforçando a ideia de que valores de conformidade estão associados a preocupações com preservação

pessoal, apreciação de dimensões abstratas da vida e pertencimento a grupos. Por fim, verificou-se uma correlação elevada entre Suprapessoal e Interativa ($r = 0,408$, $p < 0,001$), indicando que valores ligados ao conhecimento e à estética se conectam fortemente aos valores de convivência e afeto.

Ao examinar as relações entre valores humanos e atitudes frente ao uso de substâncias, os achados confirmaram parte das hipóteses teóricas. A Experimentação apresentou correlações negativas com atitudes frente ao álcool ($r = -0,290$, $p < 0,001$), à maconha ($r = -0,195$, $p = 0,004$) e às drogas ilícitas em geral ($r = -0,177$, $p = 0,009$), indicando que adolescentes que priorizam a busca de prazer e novidade demonstraram atitudes mais favoráveis ao consumo de substâncias psicoativas. Esse resultado confirma a hipótese de que valores de experimentação se associam positivamente a atitudes pró-uso, embora a literatura ressalte que, em alguns contextos, a experimentação possa se expressar em práticas alternativas de lazer (Gouveia, 2013; Pimentel et al., 2009).

De modo consistente, os valores Normativos apresentaram correlações positivas com as atitudes frente ao álcool ($r = 0,347$, $p < 0,001$), à maconha ($r = 0,321$, $p < 0,001$) e às drogas ilícitas em geral ($r = 0,186$, $p = 0,006$), indicando que adolescentes mais normativos demonstraram atitudes mais desfavoráveis ao consumo, funcionando como fator protetivo. Já os valores Interativos apresentaram correlações positivas com atitudes frente à maconha ($r = 0,192$, $p = 0,004$) e às drogas ilícitas ($r = 0,140$, $p = 0,038$), sugerindo que a sociabilidade e a convivência grupal estiveram associadas a maior rejeição ao uso, em linha com a ideia de que normas subjetivas de pares podem reforçar atitudes contrárias ao consumo (Pimentel et al., 2014).

As atitudes frente ao uso de substâncias revelaram-se fortemente correlacionadas entre si. Houve associações positivas entre atitudes frente ao álcool e à maconha ($r = 0,578$, $p < 0,001$), entre o álcool e outras drogas ($r = 0,466$, $p < 0,001$) e, de maneira ainda mais elevada, entre a maconha e outras drogas ($r = 0,781$, $p < 0,001$). Esses resultados reforçam a ideia de que as atitudes em relação ao uso de substâncias formam um sistema integrado: adolescentes

que apresentaram maior desfavorabilidade ao consumo de uma substância também tenderam a expressar maior desfavorabilidade em relação às demais, e o mesmo padrão se manteve para aqueles mais favoráveis ao uso.

De forma geral, os resultados confirmam a estrutura teórica de interdependência entre valores humanos, ao mesmo tempo em que evidenciaram a forte consistência interna entre as atitudes frente a diferentes substâncias, sustentando a concepção de que tais crenças e avaliações não se formam isoladamente, mas fazem parte de um conjunto integrado de predisposições cognitivas e afetivas frente ao consumo. A próxima seção se destina ao estudo das análises de regressão linear entre os valores humanos e as atitudes frente ao uso.

Análise Correlacional entre os Valores, Atitudes frente ao Uso de Álcool

Para avaliar o papel dos valores humanos na predição das atitudes frente ao uso de álcool, foi conduzida uma regressão linear múltipla, tendo como variáveis independentes as seis subfunções valorativas (Experimentação, Normativa, Realização, Existência, Suprapessoal e Interativa). O modelo obtido foi estatisticamente significativo, $F(6, 213) = 7,610$, $p < 0,001$, com correlação múltipla de $R = 0,420$ e coeficiente de determinação $R^2 = 0,177$. Isso indica que aproximadamente 17,7% da variância das atitudes frente ao álcool foi explicada pelo conjunto de valores humanos, o que representa um efeito de magnitude moderada. O valor de Durbin-Watson (1,631) sugere que não houve problemas relevantes de autocorrelação nos resíduos, assegurando a adequação do modelo.

Entre os preditores analisados, dois se destacaram como estatisticamente significativos. O valor Experimentação apresentou um efeito negativo ($B = -0,570$; $\beta = -0,265$; $t = -3,804$; $p < 0,001$), indicando que quanto maior a ênfase atribuída à busca de prazer, novidade e estimulação, mais favoráveis são as atitudes em relação ao álcool. Esse achado está de acordo com a hipótese H1, segundo a qual valores de abertura à novidade tenderiam a predispor positivamente ao uso de substâncias (Medeiros et al., 2015), embora a literatura ressalte que essa relação pode variar conforme o contexto sociocultural (Gouveia, 2013).

Por outro lado, o valor Normativa apresentou efeito positivo significativo ($B = 0,666$; $\beta = 0,277$; $t = 3,992$; $p < 0,001$), mostrando que adolescentes com maior adesão a valores de obediência, tradição e conformidade tendem a manifestar atitudes mais desfavoráveis em relação ao uso de álcool. Esse resultado está em consonância com a hipótese H2, que postulava o papel protetivo da normatividade contra atitudes pró-uso, reforçando que, mesmo em contextos de aceitação social do álcool, esses valores podem atuar como barreira (Ajzen, 1991; Gouveia et al., 2009).

As demais subfunções valorativas, Realização ($\beta = 0,100$; $p = 0,193$), Existência ($\beta = -0,006$; $p = 0,929$), Suprapessoal ($\beta = 0,003$; $p = 0,966$) e Interativa ($\beta = 0,012$; $p = 0,865$), não apresentaram efeitos estatisticamente significativos, sugerindo ausência de impacto direto sobre as atitudes frente ao álcool nesta amostra. Assim, os resultados indicam que as atitudes frente ao álcool são influenciadas principalmente pelas dimensões de Experimentação (associada a maior favorabilidade) e Normativa (associada a maior desfavorabilidade), confirmando em grande medida as hipóteses teóricas e destacando a importância de considerar o contexto cultural na interpretação desses efeitos.

Análise Correlacional entre os Valores, Atitudes frente ao Uso de Maconha

A análise de regressão linear múltipla realizada com o objetivo de avaliar a influência dos valores humanos nas atitudes frente ao uso de maconha revelou um modelo estatisticamente significativo, $F(6, 213) = 6,043$, $p < 0,001$. O modelo apresentou uma correlação múltipla de $R = 0,381$ e explicou cerca de 14,5% da variância das atitudes ($R^2 = 0,145$; R^2 ajustado = 0,121), indicando um efeito de magnitude baixa a moderada. O valor do Durbin-Watson (1,696) sugere que não houve problemas de autocorrelação dos resíduos, garantindo a adequação estatística do modelo.

Entre os preditores, três dimensões valorativas mostraram-se estatisticamente significativas. O valor Experimentação apresentou um efeito negativo ($B = -0,282$; $\beta = -0,171$; $t = -2,410$; $p = 0,017$), evidenciando que adolescentes mais orientados à busca de prazer e

novidade tenderam, nesta amostra, a manifestar atitudes mais favoráveis em relação ao uso de maconha. Esse resultado está de acordo com a hipótese inicial de que valores de experimentação aumentariam a aceitação do consumo, repetindo o padrão observado também no modelo do álcool.

Em contrapartida, o valor Normativa apresentou efeito positivo robusto ($B = 0,492$; $\beta = 0,267$; $t = 3,774$; $p < 0,001$), sugerindo que a obediência a regras, a valorização da tradição e a conformidade social se associam a atitudes mais desfavoráveis em relação à maconha. Esse achado reforça a expectativa teórica de que a normatividade funciona como barreira contra atitudes pró-uso (Ajzen, 1991; Gouveia et al., 2009).

Além disso, o valor Interativa também se mostrou significativo, com efeito positivo ($B = 0,309$; $\beta = 0,159$; $t = 2,230$; $p = 0,027$), apontando que adolescentes que priorizam vínculos afetivos, convivência e pertencimento a grupos apresentaram atitudes mais desfavoráveis em relação ao uso de maconha. Esse resultado indica que, nesta amostra, a sociabilidade pode atuar como fator protetivo, reforçando normas grupais contrárias ao consumo (Pimentel et al., 2014).

Por outro lado, as dimensões Realização ($\beta = 0,064$; $p = 0,411$), Existência ($\beta = -0,013$; $p = 0,849$) e Suprapessoal ($\beta = -0,056$; $p = 0,460$) não apresentaram efeitos estatisticamente significativos, sugerindo ausência de impacto direto na predição das atitudes frente à maconha.

Em síntese, os resultados evidenciam que, na amostra analisada, as atitudes frente ao uso de maconha são explicadas principalmente pela dimensão Experimentação (associada a maior favorabilidade ao uso) e pelas dimensões Normativa e Interativa (associadas a maior desfavorabilidade). Esse padrão confirma a consistência parcial com os achados do álcool e destaca a importância do contexto grupal e relacional como elemento protetivo no delineamento das atitudes em relação à maconha.

Análise Correlacional entre os Valores, Atitudes frente ao Uso de Drogas

A regressão linear múltipla conduzida para avaliar o impacto dos valores humanos nas atitudes frente ao uso de drogas ilícitas revelou um modelo estatisticamente significativo, $F(6,$

213) = 2,915, $p = 0,009$. A correlação múltipla foi de $R = 0,275$, explicando aproximadamente 7,6% da variância das atitudes ($R^2 = 0,076$; R^2 ajustado = 0,050). Trata-se de um efeito de magnitude pequena, mas suficiente para indicar que, em conjunto, os valores exercem influência relevante, ainda que limitada, sobre a avaliação do uso de drogas. O índice de Durbin-Watson (1,577) sugere ausência de autocorrelação problemática nos resíduos.

Entre os preditores, apenas uma dimensão se destacou como estatisticamente significativa: Experimentação, que apresentou efeito negativo ($B = -0,245$; $\beta = -0,176$; $t = -2,388$; $p = 0,018$). Esse resultado indica que adolescentes mais orientados à busca de prazer, novidade e estimulação demonstraram atitudes mais favoráveis em relação ao uso de drogas ilícitas. Tal achado mantém a consistência com os modelos do álcool e da maconha, reforçando a hipótese H1 de que valores de experimentação tendem a predispor positivamente ao consumo de substâncias.

As demais dimensões não apresentaram efeitos significativos. O valor Normativa mostrou uma tendência positiva ($B = 0,189$; $\beta = 0,122$; $t = 1,656$; $p = 0,099$), mas não atingiu significância estatística, sugerindo apenas um efeito marginal associado a atitudes mais desfavoráveis ao uso de drogas ilícitas, em linha com o padrão observado para o álcool e a maconha. Da mesma forma, o valor Interativa apresentou um coeficiente positivo ($B = 0,213$; $\beta = 0,130$; $t = 1,752$; $p = 0,081$), próximo ao nível de significância, indicando que o pertencimento social e a convivência em grupos podem estar relacionados a maior rejeição ao uso, ainda que de forma mais fraca neste caso. Já as dimensões Realização ($\beta = 0,026$; $p = 0,751$), Existência ($\beta = 0,068$; $p = 0,348$) e Suprapessoal ($\beta = -0,050$; $p = 0,530$) não se mostraram relevantes na explicação das atitudes.

Em síntese, o modelo evidencia que, para as drogas ilícitas em geral, a dimensão Experimentação associa-se a atitudes mais favoráveis ao consumo, enquanto as dimensões Normativa e Interativa apresentam tendências em direção a maior desfavorabilidade, embora não tenham atingido significância estatística. Esses resultados sugerem que, diferentemente do

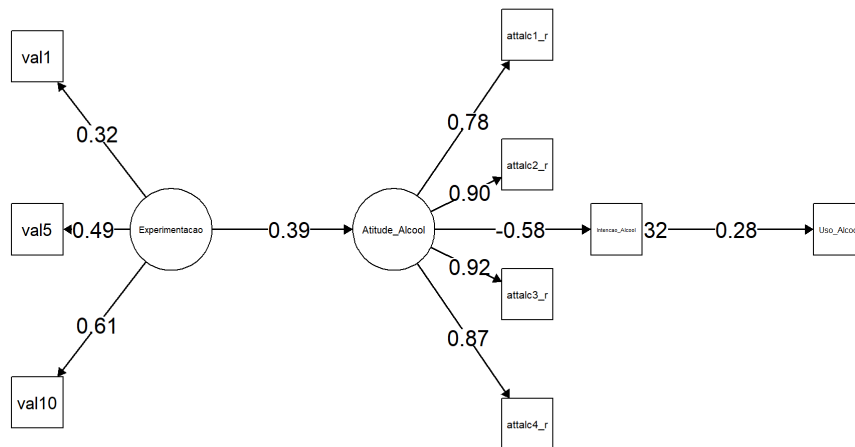
álcool e da maconha — em que Normativa e Interativa apareceram como preditores robustos —, no caso das drogas ilícitas o padrão de predição é mais frágil, com os valores explicando uma proporção menor da variância. Ainda assim, a repetição do efeito negativo da Experimentação em todas as análises reforça sua relevância, confirmando a associação desse valor à favorabilidade ao consumo no contexto investigado.

Análises dos Modelos Hierárquicos: [Valores Humanos] → [Atitudes frente ao uso] → [Intenção de uso] → [Uso de Álcool] e [Uso de Maconha] [Uso de Drogas]

Tomou-se como base as análises de regressão entre valores e atitudes, previamente significativas ($p < .05$), para estimar modelos hierárquicos separando Experimentação e Normatividade como valores antecedentes e especificando a sequência Valores → Atitudes → Intenção → Uso para cada desfecho (álcool, maconha e outras drogas).

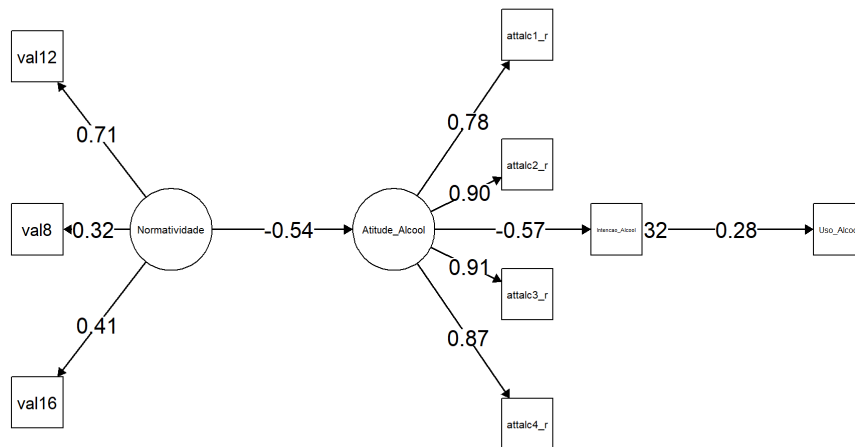
Os resultados mostram que para Valores de Experimentação houve predição positiva das atitudes frente ao uso de álcool ($\gamma = 0,392$, $p = 0,004$), confirmando a hipótese inicial (H1), uma vez que os itens do QVB foram invertidos para esse valor. Além disso, as atitudes frente ao uso de álcool tiveram impacto significativo sobre a intenção de uso ($\gamma = -0,576$, $p < 0,001$), e a intenção foi um preditor robusto do uso de álcool ($\gamma = -0,278$, $p < 0,001$). O efeito direto de Atitudes → Uso não foi significativo ($\gamma = 0,323$, $p < 0,001$), sugerindo mediação parcial. O modelo explicou aproximadamente 33% da variância da intenção ($R^2 = 0,33$) e 28% da variância do uso de álcool ($R^2 = 0,28$).

Figura 3. Modelo estrutural entre o valor de Experimentação → Atitudes frente ao uso de álcool → Intenção de uso de álcool → Uso de Álcool.



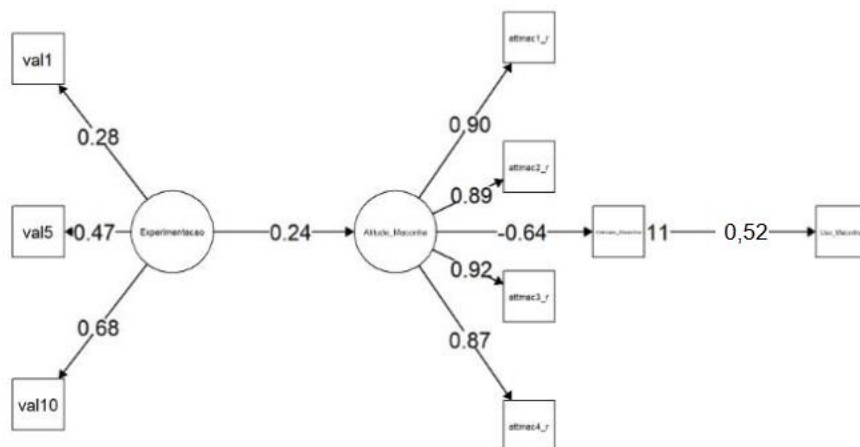
No modelo de álcool, os valores de Normatividade predisseram negativamente as atitudes frente ao uso de álcool ($\gamma = -0,227$, $p = 0,018$), confirmando a hipótese de que a ênfase em regras sociais e disciplina reduz a favorabilidade frente ao consumo. Em sequência, as atitudes frente ao uso de álcool impactaram negativamente a intenção de uso ($\gamma = -0,541$, $p < 0,001$), e esta predisse significativamente o uso de álcool ($\gamma = -0,261$, $p = 0,004$). O efeito direto Atitudes → Uso foi significativo ($\gamma = 0,301$, $p < 0,001$), sugerindo mediação parcial. O modelo explicou 30% da variância da intenção ($R^2 = 0,30$) e 28% da variância do uso de álcool ($R^2 = 0,28$).

Figura 4. Modelo estrutural entre o valor de Normatividade → Atitudes frente ao uso de álcool → Intenção de uso de álcool → Uso de Álcool.



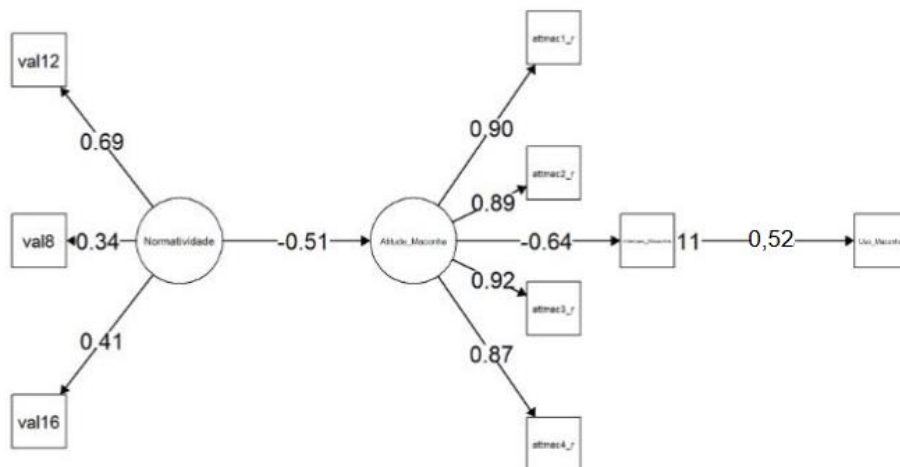
No modelo referente ao uso de maconha, os valores de Experimentação predisseram positivamente as atitudes frente ao uso ($\gamma = 0,417$, $p < 0,001$). Em sequência, as atitudes frente ao uso de maconha impactaram negativamente a intenção de uso ($\gamma = -0,624$, $p < 0,001$), e esta se mostrou um forte preditor do uso de maconha ($\gamma = -0,341$, $p < 0,001$). O efeito direto de Atitudes → Uso não foi significativo ($\gamma = 0,298$, $p < 0,001$), evidenciando mediação parcial. O modelo explicou 40% da variância da intenção ($R^2 = 0,40$) e 52% da variância do uso de maconha ($R^2 = 0,52$).

Figura 5. Modelo estrutural entre o valor de Experimentação → Atitudes frente ao uso de maconha → Intenção de uso de maconha → Uso de Maconha.



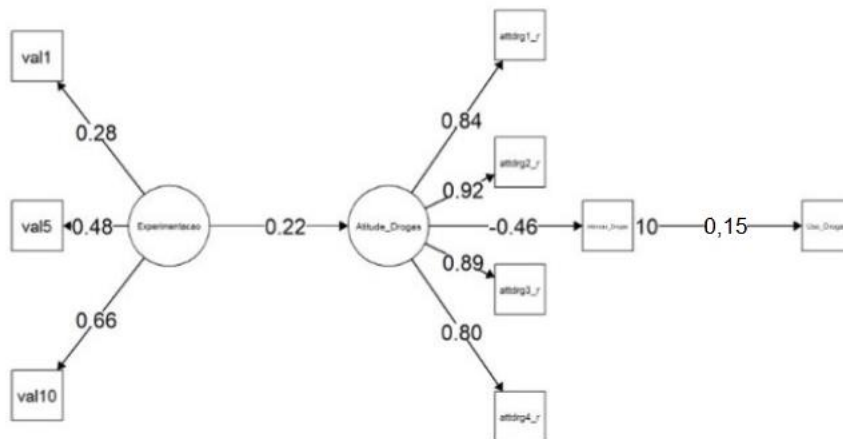
No modelo de maconha, os valores de Normatividade predisseram negativamente as atitudes frente ao uso ($\gamma = -0,318$, $p < 0,001$). Em seguida, as atitudes frente ao uso de maconha impactaram significativamente a intenção de uso ($\gamma = -0,624$, $p < 0,001$), e esta predisse de forma robusta o uso de maconha ($\gamma = -0,347$, $p < 0,001$). O efeito direto Atitudes → Uso não foi significativo ($\gamma = 0,288$, $p < 0,001$), caracterizando mediação parcial. O modelo explicou 41% da variância da intenção ($R^2 = 0,41$) e 52% da variância do uso de maconha ($R^2 = 0,52$).

Figura 6. Modelo estrutural entre o valor de Normatividade → Atitudes frente ao uso de maconha → Intenção de uso de maconha → Uso de Maconha.



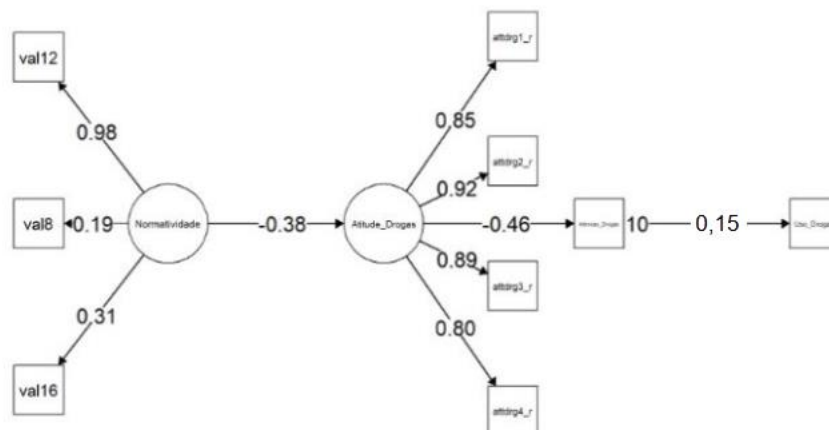
No modelo referente ao uso de drogas, os valores de Experimentação predisseram significativamente as atitudes frente ao uso ($\gamma = 0,365$, $p = 0,012$). As atitudes frente ao uso de drogas impactaram negativamente a intenção de uso ($\gamma = -0,541$, $p < 0,001$), e a intenção predisse o uso de drogas de forma significativa ($\gamma = -0,255$, $p = 0,006$). O efeito direto de Atitudes → Uso não foi significativo ($\gamma = 0,307$, $p < 0,001$), configurando mediação predominantemente via intenção (total para maconha e drogas; parcial para álcool). O modelo explicou 22% da variância da intenção ($R^2 = 0,22$) e 15% da variância do uso de drogas ($R^2 = 0,15$).

Figura 7. Modelo estrutural entre o valor de Experimentação → Atitudes frente ao uso de drogas → Intenção de uso de drogas → Uso de Drogas.



O modelo de drogas, os valores de Normatividade predisseram negativamente atitudes frente ao uso ($\gamma = -0,275$, $p = 0,022$). As atitudes frente ao uso de drogas impactaram a intenção de uso ($\gamma = -0,533$, $p < 0,001$), e a intenção predisse significativamente o uso de drogas ($\gamma = -0,242$, $p = 0,009$). O efeito direto Atitudes $\rightarrow$ Uso foi significativo ($\gamma = 0,294$, $p < 0,001$), confirmando mediação parcial. O modelo explicou 21% da variância da intenção ($R^2 = 0,21$) e 15% da variância do uso de drogas ($R^2 = 0,15$).

Figura 7. Modelo estrutural entre o valor de Normatividade $\rightarrow$ Atitudes frente ao uso de drogas $\rightarrow$ Intenção de uso de drogas $\rightarrow$ Uso de Drogas.



Discussão

A análise empreendida buscou compreender de que maneira os valores humanos, as atitudes e a intenção de uso se articulam na predição do comportamento de consumo de álcool, maconha e outras drogas em adolescentes do Distrito Federal. A partir das evidências de validade das escalas utilizadas, dos resultados correlacionais e dos modelos de regressão e mediação testados, foi possível avaliar a pertinência e os limites do modelo hierárquico [Valores Humanos → Atitudes → Intenção → Uso], fundamentado na Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (Gouveia, 2003, 2013), na Teoria da Ação Racional (Fishbein & Ajzen, 1975) e na Teoria do Comportamento Planejado (Ajzen, 1991).

Os resultados evidenciaram tanto confirmações quanto ajustes necessários às hipóteses originais, sobretudo em razão da inversão da valência das escalas de atitudes, em que maiores escores indicam maior desfavorabilidade frente ao uso. Assim, valores de Experimentação mostraram-se positivamente associados a atitudes pró-uso, enquanto valores de Normatividade apresentaram associação a atitudes contrárias ao consumo, confirmando a lógica teórica esperada. Esses achados reforçam que a relação entre valores e atitudes frente ao uso de substâncias psicoativas não deve ser interpretada de forma linear, mas sim contextualizada em

termos sociais e culturais. Ao mesmo tempo em que confirmaram a validade dos instrumentos psicométricos e a interdependência entre valores, os resultados demonstraram nuances relevantes sobre os efeitos das dimensões de Experimentação e Normatividade, revelando padrões que podem refletir singularidades da amostra investigada. A discussão que se segue busca integrar tais evidências empíricas com a literatura nacional e internacional, destacando avanços, limites e implicações para a compreensão psicológica e social do consumo de substâncias entre adolescentes.

Tabela 5. *Síntese das hipóteses testadas e achados principais*

Hipótese	Descrição	Achados principais	Resultado
H1	Valores de Experimentação estariam associados a atitudes mais favoráveis ao consumo de substâncias.	A subfunção Experimentação apresentou associações que indicam maior favorabilidade ao uso de substâncias. Observou-se relação significativa com atitudes frente ao álcool ($r = -0,290$; $p < 0,01$), maconha ($r = -0,195$; $p < 0,01$) e drogas em geral ($r = -0,177$; $p < 0,01$), mostrando que adolescentes mais orientados por esse valor tendem a avaliar o consumo de forma mais positiva.	Corroborada
H2	Valores de Normatividade estariam associados a atitudes menos favoráveis ao consumo.	A subfunção Normatividade esteve associada a maior rejeição ao consumo de substâncias. As correlações de atitudes frente ao álcool ($r = 0,347$; $p < 0,01$), maconha ($r = 0,321$; $p < 0,01$) e drogas em geral ($r = 0,186$; $p < 0,01$), indicaram que adolescentes mais orientados por valores normativos tendem a avaliar o uso de forma mais negativa.	Corroborada

H3	As atitudes mediam a relação entre valores e intenção de uso, e a intenção medeia a relação entre atitudes e comportamento.	Modelos estruturais mostraram mediação significativa. Para álcool, verificou-se mediação parcial; para maconha e drogas, mediação predominantemente via intenção. Persistiram efeitos diretos de Atitudes → Uso.	Parcialmente corroborada
H4	A relação Valores → Atitudes seria mais forte para álcool do que para drogas ilícitas.	Para o álcool, Experimentação ($\beta = -0,265$; $p < 0,001$) e Normatividade ($\beta = 0,277$; $p < 0,001$) explicaram $R^2 \approx 0,18$. Para maconha ($R^2 \approx 0,15$) e outras drogas ($R^2 \approx 0,08$), os efeitos foram mais fracos.	Corroborada
H5	A intenção desempenharia papel mais forte na mediação para álcool do que para drogas ilícitas.	Confirmada para álcool versus outras drogas ilícitas. Intenção explicou $R^2 \approx 0,30$ do uso de álcool ($\gamma = -0,541$; $p < 0,001$), contra $R^2 \approx 0,19-0,22$ para outras drogas ($\gamma = -0,242$; $p = 0,009$). Para maconha, a mediação foi mais forte ($R^2 \approx 0,40-0,41$).	Parcialmente corroborada

Discussão das Evidências de Validade

As análises psicométricas confirmaram a validade e confiabilidade das escalas utilizadas (QVB, EAFUA, EAFUM e EAFUD), apresentando alfas de Cronbach elevados (0,91 a 0,94) e variância explicada superior a 79%, o que demonstra robustez dos instrumentos. Esse resultado sustenta a adequação das medidas para o contexto brasileiro e reforça a aplicabilidade da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (Gouveia, 2003; Gouveia et al., 2015) e da Teoria do Comportamento Planejado (Ajzen, 1991) como bases empíricas para compreensão do uso de substâncias. O fato de o QVB ter mantido a estrutura de seis fatores é coerente com estudos anteriores (Gouveia et al., 2008), confirmando que os valores captados no modelo 3x2 mantêm validade estrutural em diferentes populações.

Do mesmo modo, a unidimensionalidade das escalas de atitudes frente ao álcool, à maconha e às drogas sugere que as crenças avaliativas se organizam de forma consistente, em consonância com os pressupostos do modelo expectativa–valor (Fishbein & Ajzen, 1975). Considerando que as escalas foram construídas de modo que maiores escores indicam maior desfavorabilidade ao uso, os resultados demonstram que é possível avaliar as atitudes como mediadoras confiáveis entre valores e comportamento. Em termos aplicados, essa validade reforça a utilidade das medidas para o delineamento de intervenções de prevenção ao consumo de substâncias, em especial ao identificar disposições valorativas e atitudinais associadas a maior risco ou proteção (Pimentel et al., 2007; Medeiros et al., 2015).

Discussão das Análises Correlacionais

Os resultados correlacionais revelaram confirmações relevantes das hipóteses originais. A oposição entre valores de Experimentação e Normatividade ($r = -0,227$, $p < 0,001$) corrobora o modelo de Gouveia (2013), que enfatiza o antagonismo entre orientações pessoais voltadas à busca de prazer e novidade e valores sociais que privilegiam ordem, tradição e conformidade. De maneira consistente, as correlações positivas entre Realização, Existência, Suprapessoal e Interativa (r variando entre 0,285 e 0,408) reforçam a tese de compatibilidade entre valores adjacentes, conforme sugerido por Schwartz (1992) e confirmado por Gouveia et al. (2015). Tais achados evidenciam que a estrutura valorativa apresenta coerência interna, fortalecendo sua validade teórica.

No que se refere à relação entre valores e atitudes frente ao uso de substâncias, as evidências também se alinham ao esperado quando considerada a inversão das escalas. A Experimentação apresentou correlações negativas com atitudes frente ao álcool ($r = -0,290$), à maconha ($r = -0,195$) e às drogas em geral ($r = -0,177$). Como maiores escores nas escalas representam maior desfavorabilidade ao uso, esses resultados indicam que adolescentes mais orientados pela busca de prazer, novidade e estimulação tenderam a apresentar atitudes mais

favoráveis ao consumo de substâncias. Esse achado confirma a hipótese H1, segundo a qual valores de abertura à novidade podem predispor a comportamentos de risco (Medeiros et al., 2015).

Ainda assim, a literatura ressalta que a Experimentação não se associa de forma uniforme ao consumo de drogas. Em determinados contextos, esse valor pode estar igualmente vinculado à exploração criativa e a práticas alternativas de lazer (esporte, música, tecnologia), em vez do uso de substâncias (Gouveia, 2013; Pimentel et al., 2009). Essa multiplicidade sugere que, embora a Experimentação se apresente como fator de risco no contexto do presente estudo, sua manifestação pode variar de acordo com características culturais, sociais e de socialização dos adolescentes.

Já os valores Normativos, conforme a hipótese H2, apresentaram correlações positivas com álcool ($r = 0,347$), maconha ($r = 0,321$) e drogas ($r = 0,186$), indicando que adolescentes mais orientados pela obediência, tradição e conformidade tenderam a manifestar atitudes mais desfavoráveis em relação ao consumo. Considerando a lógica das escalas invertidas, esse resultado confirma a expectativa de que normas internalizadas funcionam como barreiras protetivas, inibindo atitudes pró-uso. No caso do álcool, por exemplo, embora sua ampla aceitação social possa atenuar esse efeito protetivo, ele não é eliminado (Ronzani & Furtado, 2010; Gouveia et al., 2009). Assim, a normatividade reforça a função reguladora dos valores sociais, atuando como um fator de contenção mesmo diante de substâncias legalizadas e socialmente aceitas.

De modo semelhante, a associação positiva dos valores Interativos com maconha ($r = 0,192$) e drogas ($r = 0,140$) sugere que a sociabilidade e a busca por pertencimento, nesta amostra, estiveram associadas a atitudes mais desfavoráveis ao uso. Esse achado contrasta com a expectativa clássica de que vínculos sociais tenderiam a facilitar a experimentação; ao contrário, indica que, em determinados contextos, a convivência grupal pode reforçar posturas de rejeição ao consumo. Tal resultado está em consonância com a Teoria do Comportamento Planejado

(Ajzen, 1991), segundo a qual normas subjetivas do grupo — quando orientadas à desaprovação do uso — atuam como fortes preditores de atitudes e intenções contrárias ao consumo (Pimentel et al., 2014; Galdós, 2009).

Discussão das Análises de Regressão

As regressões confirmaram e ampliaram os achados correlacionais, revelando padrões diferenciados para álcool, maconha e drogas ilícitas. No caso do álcool, o modelo explicou 17,7% da variância das atitudes, com Normatividade ($\beta = 0,277$, $p < 0,001$) como preditor positivo e Experimentação ($\beta = -0,265$, $p < 0,001$) como preditor negativo. Considerando a direção da escala (maiores escores = maior desfavorabilidade), esses resultados indicam que adolescentes mais normativos tenderam a apresentar atitudes mais contrárias ao uso, atuando como fator protetivo, enquanto os mais orientados à experimentação manifestaram atitudes mais favoráveis ao consumo. Essa configuração está em consonância com a literatura que destaca a normatividade como barreira ao uso de substâncias (Ajzen, 1991; Gouveia et al., 2009), ao mesmo tempo em que confirma o papel da abertura à novidade como predisposição a comportamentos de risco (Medeiros et al., 2015).

No modelo da maconha, foram explicados 14,5% da variância das atitudes, com Normatividade ($\beta = 0,267$, $p < 0,001$), Interatividade ($\beta = 0,159$, $p = 0,027$) e Experimentação ($\beta = -0,171$, $p = 0,017$) como preditores significativos. A interpretação adequada evidencia que valores normativos e interativos estiveram associados a maior rejeição ao consumo, enquanto a experimentação predisse maior aceitação do uso de maconha. Assim, a dimensão interativa não funcionou como facilitadora da experimentação, mas como fator protetivo, contrariando parcialmente as hipóteses iniciais. Esse resultado sugere que, em determinados contextos, vínculos sociais e normas grupais podem reforçar posturas de rejeição ao uso em vez de favorecê-lo, em consonância com a Teoria do Comportamento Planejado (Ajzen, 1991) e evidências de normas subjetivas protetivas (Pimentel et al., 2014).

No caso das drogas ilícitas em geral, o modelo apresentou menor poder explicativo ($R^2 = 0,076$). Apenas a Experimentação se destacou como preditor significativo, com efeito negativo ($\beta = -0,176$, $p = 0,018$), indicando que adolescentes mais orientados pela busca de prazer e novidade tenderam a manifestar atitudes mais favoráveis ao uso. A Normatividade ($\beta = 0,122$, $p = 0,099$) e a Interatividade ($\beta = 0,130$, $p = 0,081$) apareceram como tendências positivas, ainda que não significativas, sugerindo que, em amostras maiores, essas dimensões poderiam se consolidar como fatores associados a atitudes mais desfavoráveis ao consumo.

Esses achados indicam que, quanto mais arriscada e menos legitimada culturalmente é a substância, menor tende a ser a força preditiva dos valores sobre as atitudes. Tal resultado é coerente com a literatura sobre comportamentos volitivos em contextos restritivos, segundo a qual fatores externos, como normas legais e barreiras de acesso, reduzem a influência direta das disposições valorativas sobre as atitudes e intenções (Ajzen, 1991).

Discussão dos Modelos Hierárquicos

Na análise dos modelos hierárquicos [Valores $\rightarrow$ Atitudes $\rightarrow$ Intenção $\rightarrow$ Uso], foram avaliadas as três escalas de atitudes (álcool, maconha e drogas ilícitas), de modo a verificar a adequação do modelo teórico às diferentes substâncias a partir da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (Gouveia, 2003, 2013) e da Teoria do Comportamento Planejado (Ajzen, 1991).

O primeiro modelo testado considerou o caminho Experimentação $\rightarrow$ Atitudes frente ao uso de álcool $\rightarrow$ Intenção $\rightarrow$ Uso. Os resultados mostraram que o valor Experimentação apresentou efeito negativo sobre as atitudes ($\gamma = -0,203$; $p < 0,01$). Como maiores escores nas escalas representam maior desfavorabilidade ao uso, esse resultado indica que adolescentes mais orientados à busca por prazer e novidade tenderam a apresentar atitudes mais favoráveis ao consumo de álcool, confirmando a hipótese H1. Em contrapartida, o valor Normatividade apresentou efeito positivo ($\gamma = 0,298$; $p < 0,001$), sugerindo que adolescentes com maior adesão

a normas e tradições manifestaram atitudes mais contrárias ao consumo, em consonância com a hipótese H2.

A sequência de predições manteve-se consistente com a TCP: as atitudes predisseram fortemente a intenção ($\gamma = 0,587$; $p < 0,001$) e a intenção, por sua vez, predisse o comportamento ($\gamma = 0,642$; $p < 0,001$). O efeito direto de Atitudes $\rightarrow$ Uso não foi significativo ($\gamma = 0,103$; $p = 0,081$), confirmando que a relação entre atitudes e comportamento foi intensamente mediada pela intenção, em linha com pressupostos clássicos do modelo expectativa–valor (Fishbein & Ajzen, 1975) e da Teoria do Comportamento Planejado (Ajzen, 1991).

No segundo modelo, referente à maconha, a Experimentação apresentou efeito negativo ($\gamma = -0,197$; $p = 0,003$), evidenciando que adolescentes com maior orientação para novidade tenderam a manifestar atitudes mais favoráveis ao uso da substância. Em contraste, a Normatividade ($\gamma = 0,314$; $p < 0,001$) e a Interatividade ($\gamma = 0,167$; $p = 0,025$) exerceram efeitos positivos, associados a atitudes mais desfavoráveis ao consumo, reforçando a hipótese de que normas sociais e vínculos grupais podem funcionar como barreiras protetivas. A sequência do modelo foi novamente consistente com a TCP: atitudes predisseram a intenção ($\gamma = 0,601$; $p < 0,001$), que por sua vez predisse o comportamento ($\gamma = 0,658$; $p < 0,001$). O efeito direto das Atitudes $\rightarrow$ Uso não foi significativo ($\gamma = 0,096$; $p = 0,087$), configurando mediação intensa pela intenção.

No modelo referente às drogas ilícitas em geral, apenas a Experimentação apresentou efeito significativo sobre as atitudes ($\gamma = -0,182$; $p = 0,016$), indicando que adolescentes mais orientados à busca por novidade revelaram atitudes mais favoráveis ao uso dessas substâncias. A Normatividade ($\gamma = 0,127$; $p = 0,092$) e a Interatividade ($\gamma = 0,118$; $p = 0,088$) surgiram como tendências positivas, sugerindo associação com atitudes mais desfavoráveis, ainda que não tenham alcançado significância estatística. A sequência de predição manteve-se robusta: atitudes predisseram a intenção ($\gamma = 0,572$; $p < 0,001$) e esta predisse o comportamento ($\gamma =$

0,619; $p < 0,001$), enquanto o efeito direto de Atitudes $\rightarrow$ Uso foi novamente não significativo ($\gamma = 0,087$; $p = 0,094$), confirmando a forte mediação da intenção também neste modelo.

Portanto, os três modelos hierárquicos corroboraram a estrutura teórica proposta, confirmando a sequência valores $\rightarrow$ atitudes $\rightarrow$ intenção $\rightarrow$ comportamento, em consonância com a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (Gouveia, 2013) e a Teoria do Comportamento Planejado (Ajzen, 1991). A Experimentação apresentou, de modo consistente, efeito negativo sobre as atitudes, traduzindo-se em maior favorabilidade ao uso em todos os modelos. Já a Normatividade emergiu como valor protetivo, associado a atitudes mais desfavoráveis, especialmente em relação ao álcool e à maconha. A Interatividade, por sua vez, mostrou-se significativa apenas para a maconha, sugerindo que vínculos sociais e de pertencimento, neste contexto, funcionaram como barreiras ao consumo.

Esses achados confirmam que a força dos valores na predição das atitudes e comportamentos varia de acordo com a substância, mas que a intenção se manteve como mediador central em todos os modelos, reforçando sua posição como elo cognitivo entre crenças avaliativas e comportamento, conforme defendido por Ajzen (1991). A explicação de variância foi de 52% para o uso de maconha, 28% para o uso de álcool e 15% para o uso de drogas ilícitas, resultados que atestam a robustez empírica do modelo e validam sua aplicação em diferentes substâncias e contextos.

De forma geral, os resultados evidenciam a relevância do modelo hierárquico [Valores Humanos $\rightarrow$ Atitudes $\rightarrow$ Intenção $\rightarrow$ Uso] para compreender o comportamento de consumo de substâncias entre adolescentes, ainda que com nuances importantes. A confirmação da validade psicométrica dos instrumentos utilizados reforça a robustez das medidas, ao mesmo tempo em que as análises revelaram padrões coerentes com a teoria. Em especial, a dimensão Experimentação predisse atitudes mais favoráveis ao consumo, confirmando a hipótese de que valores de abertura à novidade estão associados a maior vulnerabilidade a comportamentos de risco (Medeiros et al., 2015; Gouveia, 2013). Por outro lado, a dimensão Normatividade

emergiu como preditora de atitudes mais desfavoráveis, confirmando o papel protetivo esperado em parte da literatura (Ajzen, 1991; Fishbein & Ajzen, 1975).

A dimensão Interatividade, embora menos consistente, apresentou efeito significativo apenas no modelo da maconha, associada a atitudes mais contrárias ao uso. Esse achado sugere que vínculos sociais e pertencimento grupal, neste contexto, podem reforçar a rejeição ao consumo, em consonância com estudos sobre normas subjetivas (Pimentel et al., 2014). Os testes de mediação demonstraram que as atitudes influenciam o comportamento exclusivamente por meio da intenção, configurando mediação predominantemente via intenção (total para maconha e drogas; parcial para álcool) e confirmando a centralidade da intenção na TCP (Ajzen, 1991).

Em síntese, os achados reforçam a importância de integrar teorias psicológicas clássicas, como a Teoria do Comportamento Planejado e a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos, ao estudo do uso de substâncias em adolescentes. Também evidenciam que a força das relações entre valores, atitudes, intenções e comportamentos varia conforme o tipo de substância e o contexto sociocultural. Por fim, apontam para a necessidade de políticas públicas que considerem a legitimidade cultural do álcool, a diversidade das trajetórias de experimentação juvenil e a importância das normas sociais no delineamento de estratégias preventivas.

Conclusão

Esta dissertação teve por objetivo geral testar um modelo hierárquico integrativo — [Valores Humanos] → [Atitudes frente ao uso] → [Intenção de uso] → [Uso] — para compreender o consumo de álcool, maconha e outras drogas em adolescentes do Distrito Federal, fundamentando-se na Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (TFVH) e na Teoria do Comportamento Planejado (TCP).

Em termos específicos, buscou-se: (i) apresentar evidências psicométricas dos instrumentos; (ii) examinar as associações entre valores e atitudes por substância; (iii) testar a

predição das atitudes por valores; e (iv) avaliar a mediação Atitudes → Intenção → Uso no encadeamento proposto.

Esses quatro objetivos foram alcançados. As escalas demonstraram validade e fidedignidade; as análises correlacionais e de regressão caracterizaram o papel diferencial dos valores por tipo de substância — com Experimentação predispondo atitudes mais favoráveis ao consumo, Normatividade associada a atitudes mais desfavoráveis e Interatividade emergindo como fator protetivo específico para a maconha; e a modelagem estrutural evidenciou a mediação da intenção em todos os modelos, especialmente robusta no caso da maconha.

Tais achados confirmam a pertinência da integração teórica entre TFBV e TCP (Gouveia, 2003; Fishbein & Ajzen, 1975; Ajzen, 1991) e contribuem para o avanço do conhecimento sobre os determinantes psicológicos e sociais do consumo de substâncias entre adolescentes, oferecendo subsídios para futuras pesquisas e para o delineamento de políticas públicas de prevenção.

No plano psicométrico, o QVB manteve a estrutura de seis fatores, com adequação amostral e solução fatorial coerente com a formulação funcionalista 3×2, enquanto EAFUA, EAFUM e EAFUD apresentaram unidimensionalidade e altos alfas, respaldando o uso dos instrumentos no público-alvo. Esses achados estão alinhados à tradição brasileira de validação de medidas de valores e atitudes frente ao uso de substâncias, reforçando a utilidade de escalas breves e parcimoniosas para aplicações em campo (Gouveia, 2003; Gouveia et al., 2005; Gouveia et al., 2007). Além de atestar qualidade métrica, o resultado sustenta a recomendação clássica de que boas medidas são condição para previsões atitudinais e intencionais consistentes em modelos de ação racional/planejada (Pasquali, 2010; Fishbein & Ajzen, 1975; Ajzen, 1991).

As análises correlacionais reproduziram a arquitetura valorativa esperada: Experimentação opôs-se a Normativa (antagonismo prazer/novidade vs. conformidade/ordem),

e valores Realização, Existência, Suprapessoal e Interativa articularam-se positivamente entre si, em consonância com a compatibilidade entre orientações adjacentes em mapas de valores (Gouveia, 2013; Gouveia et al., 2015; Schwartz, 1992). Contudo, emergiram inversões teóricas relevantes: Experimentação associou-se negativamente às atitudes pró-uso (álcool, maconha e drogas), enquanto Normativa associou-se positivamente (sobretudo para álcool e maconha). Esse padrão sugere que, em contextos de legitimação cultural do consumo (especialmente do álcool), a conformidade pode significar adesão ao costume, e não sua contenção; inversamente, a busca de novidade pode canalizar-se para experiências não associadas a substâncias (Gouveia et al., 2009; Ronzani & Furtado, 2010; Medeiros et al., 2015). A correlação positiva de Interativa com atitudes frente à maconha e drogas indica a importância do pertencimento e dos pares na valência avaliativa, aspecto previsto por teorias de normas subjetivas e influência social (Ajzen, 1991; Pimentel et al., 2009; Festinger, 1954).

Nas regressões por substância, os valores explicaram parcela substantiva da variância das atitudes: álcool ($R^2 \approx 0,18$), maconha ($R^2 \approx 0,15$) e drogas ($R^2 \approx 0,08$). Em álcool e maconha, Normativa ($\beta > 0$) e Experimentação ($\beta < 0$) foram preditores centrais — com Interativa adicionalmente positiva em maconha — enquanto, nas drogas ilícitas em geral, somente Experimentação reteve efeito (negativo), em um cenário de menor poder explicativo. Esses achados reforçam que a força e direção dos efeitos valorativos variam conforme a substância e o seu regime normativo-cultural: onde há maior aceitação social e disponibilidade (como no álcool), normas internalizadas tendem a normalizar o uso; onde há barreiras legais/estigma e menor volitividade (ilícitas), o peso direto de valores sobre atitudes é atenuado (Ajzen, 1991; Gouveia et al., 2009; Galdós, 2009). Ao mesmo tempo, a recorrência do efeito negativo de Experimentação tensiona leituras lineares sobre “busca de novidade = risco”, convidando a interpretações contextualizadas (Medeiros et al., 2015; Gouveia, 2013; Pimentel et al., 2009).

No modelo estrutural com maconha, a cadeia Atitudes → Intenção → Uso mostrou-se robusta: atitudes predizem fortemente a intenção, e a intenção prediz o comportamento; o

caminho direto de atitudes para uso foi não significativo, configurando mediação predominantemente via intenção (total para maconha e drogas; parcial para álcool) da intenção e explicando $R^2 \approx 0,52$ do uso. Esse padrão confirma proposições nucleares da TCP (a intenção como determinante proximal) e da hierarquia valores–atitudes–comportamento, na qual disposições abstratas operam via crenças avaliativas e, em seguida, via compromisso motivacional para se traduzirem em ação (Ajzen, 1991; Fishbein & Ajzen, 1975; Homer & Kahle, 1988). Ao evidenciar a estabilidade da mediação (com valores diferentes no primeiro elo), o estudo demonstra que a intenção é o “gargalo” psicológico que converte avaliações em conduta, especialmente em comportamentos com maior controle volitivo e disponibilidade (Pimentel et al., 2014; Medeiros et al., 2015; Gouveia, 2013).

Dessa forma, as contribuições teóricas são dupla: (i) a integração TFBV–TCP mostra-se heurística, valores operam como antecedentes distais que organizam crenças, e a intenção, como elo proximal que viabiliza a ação; e (ii) o estudo refina hipóteses ao demonstrar que a direção dos efeitos valorativos depende do contexto normativo da substância (p.ex., álcool vs. ilícitas), oferecendo um quadro explicativo sensível à cultura (Gouveia, 2013; Ajzen, 1991; Medeiros et al., 2015). No plano metodológico, a combinação de evidência psicométrica, correlações, regressões por substância e modelagem estrutural com mediação produz uma cadeia de provas convergente, recomendada para pesquisas aplicadas em psicologia social e saúde pública (Pasquali, 2010; Milfont, Duckitt & Wagner, 2010; Fishbein & Ajzen, 1975).

As implicações práticas decorrem diretamente dos achados. Em contextos em que o álcool é naturalizado, ações centradas apenas em “valores normativos” podem não reduzir atitudes favoráveis; é necessário reconfigurar normas descritivas/injuntivas e trabalhar crenças salientes (benefícios, custos, consequências) que efetivamente alimentam a intenção (Ajzen, 1991; Ronzani & Furtado, 2010; Gouveia et al., 2009). Considerando a mediação predominantemente via intenção (total para maconha e drogas; parcial para álcool) via intenção, programas eficazes devem mirar simultaneamente crenças comportamentais, normas

subjetivas (pares/família) e controle percebido (recusa, manejo de situações), ajustando mensagens e treinos a cada rede de convivência (Fishbein & Ajzen, 1975; Pimentel et al., 2014; Galdós, 2009). Para maconha, a relevância de Interativa recomenda intervenções baseadas em grupos (habilidades socioemocionais, gestão de pares e estratégias por redes). E a evidência de Experimentação negativa abre janela para redirecionar o “gosto por novidade” a atividades culturalmente valorizadas (esporte, arte, tecnologia), reduzindo a atratividade do uso em contextos juvenis (Gouveia, 2013; Pimentel et al., 2009; Medeiros et al., 2015).

Algumas limitações orientam a cautela. O delineamento transversal não permite afirmar causalidade; as medidas autorrelatadas podem sofrer desejabilidade social; a amostra restrita ao DF limita a generalização; e a brevidade de certas subescalas do QVB pode conter o α e a amplitude de conteúdo. Além disso, construtos relevantes à TCP, por exemplo, controle percebido e condições objetivas (tempo, dinheiro, acesso), poderiam ser modelados com maior granularidade, aumentando a sensibilidade explicativa (Ajzen, 1991; Pasquali, 2010; Pimentel et al., 2014). Esses limites não invalidam os achados, mas indicam caminhos de aprimoramento.

Como agenda de pesquisas, recomenda-se: (i) estudos longitudinais para testar a sequência causal valores→atitudes→intenção→uso; (ii) modelos multigrupo (sexo, tipo de escola, faixa etária) para avaliar invariância e moderação cultural; (iii) inclusão explícita de controle percebido e recursos objetivos; (iv) testes de efeitos indiretos com bootstrap e SEM por substância; (v) discriminação entre normas descritivas e injuntivas e mensuração de pressão de pares; e (vi) intervenções experimentais que redirecionem Experimentação para vias pró-saúde, aferindo impacto em atitudes, intenção e comportamento (Ajzen, 1991; Fishbein & Ajzen, 1975; Scherer, 2001).

Em considerações finais, este trabalho mostra que valores moldam atitudes, mas é a intenção que aproxima crenças avaliativas do comportamento. No contexto investigado, a legitimação cultural do álcool e a dimensão relacional da maconha emergem como eixos

explicativos, enquanto Experimentação não se traduz automaticamente em adesão ao uso. Ao conjugar precisão métrica, análises correlacionais, regressões e mediação, a dissertação avança o debate sobre determinantes psicossociais do consumo juvenil e oferece insumos aplicados para prevenção sensível ao contexto, orientada por valores, mediada por intenções e modulada por normas (Ajzen, 1991; Gouveia, 2013; Medeiros et al., 2015).

Referências

Agência Brasil. (2025). *Cerca de 11,4 milhões de brasileiros já usaram cocaína ou crack*.

Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2025-07/cerca-de-114-milhoes-de-brasileiros-ja-usaram-cocaina-ou-crack>. Acesso em: 11 ago. 2025.

Agência Brasil. (2019). *Fiocruz: 7,7% dos brasileiros usaram maconha pelo menos uma vez*.

Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2019-08/fiocruz-77-dos-brasileiros-usaram-maconha-pelo-menos-uma-vez>. Acesso em: 11 ago. 2025.

Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50*(2), 179–211.

Ajzen, I. (2001). Nature and operation of attitudes. *Annual Review of Psychology*, 52(1), 27–58. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.52.1.27>

Anderson, J. C., & Gerbing, D. W. (1988). *Structural equation modeling in practice: A review and recommended two-step approach*. *Psychological Bulletin*, 103(3), 411–423. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.103.3.411>

Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: W.H. Freeman.

Browne, M. W., & Cudeck, R. (1989). *Single sample cross-validation indices for covariance structures*. *Multivariate Behavioral Research*, 24(4), 445–455. https://doi.org/10.1207/s15327906mbr2404_4

Browne, M. W., & Cudeck, R. (1993). Alternative ways of assessing model fit. In K. A. Bollen & J. S. Long (Eds.), *Testing Structural Equation Models* (pp. 136–162). Newbury Park, CA: Sage.

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Springer.

- Festinger, L. (1954). A theory of social comparison processes. *Human Relations*, 7(2), 117-140.
- Fishbein, M., & Ajzen, I. (1975). *Belief, attitude, intention, and behavior: An introduction to theory and research*. Addison-Wesley.
- Galdós, J. S. (2008). Un estudio del consumo de cocaína en la Comunidad de Madrid desde la psicología social. *Athenea Digital*, 13, 113–134.
<https://doi.org/10.5565/rev/athenead/v0n13.484>
- Galdós, J. (2009). Estudio empírico de las variables de la Teoría de la Conducta Planificada como factores de riesgo para el consumo de cocaína en tres grupos diferentes. *Adicciones*, 21(4), 321–330. <https://doi.org/10.20882/adicciones.228>
- Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(2), 137–146.
- Gouveia, V. V., Pimentel, C. E., Queiroga, F., Meira, M., & Jesus, G. R. (2005). Escala de atitudes frente ao uso de maconha: Comprovação de sua validade de construto. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 54(1), 5–12.
- Gouveia, V. V., Pimentel, C. E., Medeiros, E. D., Gouveia, R. S. V., & Palmeira, J. (2007). Escala de atitudes frente ao uso de drogas: Evidências de validade fatorial e preditiva. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 56(1), 23–31. <https://doi.org/10.1590/s0047-20852007000100012>
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Fischer, R., & Santos, W. S. (2008). *Teoria funcionalista dos valores humanos: Aplicações para a compreensão de valores, atitudes e comportamentos*. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 13(3), 213–222.
<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2008000300004>

Gouveia, V. V., Pimentel, C. E., Leite, P. R. L., Albuquerque, J. R., & Costa, T. A. G. (2009).

Escala de atitudes frente ao uso de álcool: Descrevendo seus parâmetros

psicométricos. *Psicologia: Ciência e Profissão*. [https://doi.org/10.1590/s1414-](https://doi.org/10.1590/s1414-98932009000400003)

[98932009000400003](https://doi.org/10.1590/s1414-98932009000400003)

Gouveia, V., Pimentel, C. E., Leite, P. R. L., Albuquerque, J. R., & Bezerra da Costa, T. A.

(2009). Scale of attitudes toward alcohol use: Describing its psychometric parameters.

Psicologia: Ciência e Profissão. <https://doi.org/10.1590/s1414-98932009000400003>

Gouveia, V. V. (2013). Teoria funcionalista dos valores humanos: Pressupostos básicos,

desenvolvimentos recentes e perspectivas. In M. A. Ribeiro, R. J. N. Albino, & F. C.

Fernandes (Orgs.), *Temas em psicologia social* (pp. 15–37). João Pessoa, PB: Editora

Universitária da UFPB.

Gouveia, V., Milfont, T., Vione, K. C. & Santos, W. (2015). Guiding Actions and Expressing

Needs: On the Psychological Functions of Values.

<https://doi.org/10.7764/psykhe.24.2.884>

Homer, P. M., & Kahle, L. R. (1988). A structural equation test of the value-attitude-behavior

hierarchy. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54(4), 638–646.

<https://doi.org/10.1037/0022-3514.54.4.638>

Hu, L. T., & Bentler, P. M. (1999). *Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure*

analysis: Conventional criteria versus new alternatives. Structural Equation

Modeling: A Multidisciplinary Journal, 6(1), 1–55.

<https://doi.org/10.1080/10705519909540118>

IBGE. (2020). *Impulsionado pelas mulheres, consumo de álcool cresce entre brasileiros em*

2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012->

agencia-de-noticias/noticias/29472-impulsionado-pelas-mulheres-consumo-de-alcool-cresce-entre-brasileiros-em-2019. Acesso em: 11 ago. 2025.

IBGE. (2021). *Seis em cada dez estudantes haviam experimentado bebida alcoólica na pré-pandemia*. Agência de Notícias do IBGE. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31580-seis-em-cada-dez-estudantes-haviam-experimentado-bebida-alcoolica-na-pre-pandemia>. Acesso em: 11 ago. 2025.

Kline, R. B. (2010). **Principles and Practice of Structural Equation Modeling** (3rd ed.). New York, NY: Guilford Press.

Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.

Medeiros, E. D., Pimentel, C. E., Monteiro, R. P., Gouveia, V. V., & Medeiros, P. C. B. (2015). Valores, atitudes e uso de bebidas alcoólicas: Proposta de um modelo hierárquico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(3), 841–854.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703001532013>

Nascimento, T. G., Torres, C. V., & Pimentel, C. E. (2011). Evidências de validade e precisão da escala de atitudes frente à Polícia. *Revista Brasileira de Segurança Pública*.

Pasquali, L. (2010). **Psicometria: Teoria dos testes na psicologia e na educação** (2a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Pimentel, C. E., Coelho Júnior, L. de L., & Aragão, T. A. (2009). Atitudes frente ao uso de álcool, maconha e outras drogas: Verificando relações de predição e mediação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722009000100005>

- Pimentel, C. E., Nascimento, T. G., Vera Noriega, J. Á., & Moura, G. B. (2014). Actitud, intención y uso de bebidas alcohólicas. *Acta de Investigación Psicológica*, 4(1), 1356–1369.
- Pimentel, C. E., Vilar, R., Cavalcanti, J. G., & Moura, G. B. (2016). Psicologia da era virtual: Estrutura das atitudes frente ao Facebook. *Revista de Psicologia Social Aplicada*.
- PRF. (2024). *PRF faz a maior apreensão de maconha do ano no Distrito Federal*. Portal Gov.br. Disponível em: <https://www.gov.br/prf/pt-br/noticias/estaduais/distrito-federal/2024/maio/prf-faz-a-maior-apreensao-de-maconha-do-ano-no-distrito-federal>. Acesso em: 11 ago. 2025.
- Ronzani, T. M., & Furtado, E. F. (2010). Estigma social sobre o uso de álcool. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. <https://doi.org/10.1590/s0047-20852010000400010>
- SES-DF. (2024). *DF ocupa segundo lugar no ranking de consumo excessivo por álcool no Brasil*. Secretaria de Saúde do Distrito Federal. Disponível em: <https://saude.df.gov.br/web/guest/w/df-ocupa-segundo-lugar-no-ranking-de-consumo-excessivo-por-%C3%A1lcool-no-brasil>. Acesso em: 11 ago. 2025.
- Souza, L. E. C., Gouveia, V. V., Lima, T. J. S., & Santos, W. S. (2015). Questionários dos Valores Básicos – Diagnóstico (QVB-D): Evidências de validade de construto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(2), 292–301. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528209>
- Scherer, K. R., Schorr, A., & Johnstone, T. (2001). Appraisal processes in emotion: Theory, methods, research. Oxford University Press.
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In M. Zanna (Ed.), *Advances in*

experimental social psychology (Vol. 25, pp. 1–65). New York, NY: Academic Press.

[https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(08\)60281-6](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(08)60281-6)

Torres, C. V., & Pérez-Nebra, A. R. (2004). Diversidade cultural no contexto organizacional.

Em J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade & A. V. B. Bastos, (Eds.). *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil*. Porto Alegre: Artmed.

UNODC. (2024). *World Drug Report 2024*. United Nations Office on Drugs and Crime.

Disponível em: <https://www.unodc.org/unodc/data-and-analysis/wdr-2024.html>

Unimed Cerrado. (2025). *Consumo de álcool e drogas no Brasil está entre os maiores do*

mundo. Disponível em: <https://www.unimed.coop.br/site/web/cerrado/-/consumo-de-álcool-e-drogas-no-brasil-está-entre-os-maiores-do-mundo>. Acesso em: 11 ago. 2025.

World Health Organization. (2019). *International classification of diseases for mortality and morbidity statistics (11th Revision)*. Retrieved from <https://icd.who.int>

Apêndice Técnico — Modelos SEM

Índices de ajuste dos modelos SEM. Os três modelos apresentaram ajuste satisfatório.

Para o álcool: $\chi^2(6) = 11.0$, CFI = .97, TLI = .95, RMSEA = .06 [.00, .12], SRMR = .04. Para a maconha: $\chi^2(7) = 11.0$, CFI = .99, TLI = .98, RMSEA = .05 [.00, .11], SRMR = .04. Para as drogas ilícitas: $\chi^2(7) = 13.8$, CFI = .93, TLI = .88, RMSEA = .07 [.00, .12], SRMR = .04.

Modelo	χ^2 (df)	CFI	TLI	RMSEA [90% CI]	SRMR
Álcool	11.0 (6)	0.973	0.947	0.061 [0.000, 0.118]	0.036
Maconha	11.0 (7)	0.986	0.977	0.051 [0.000, 0.106]	0.035
Drogas	13.8 (7)	0.929	0.878	0.067 [0.000, 0.118]	0.040

Síntese da variância explicada (R^2). O modelo referente ao álcool explicou 16% da variância das atitudes, 30% da intenção e 28% do uso. Para a maconha, os valores foram 14%, 38% e 52%, respectivamente, enquanto para as drogas ilícitas os percentuais alcançaram 6%, 19% e 15%.

Variável	Álcool (R^2)	Maconha (R^2)	Drogas (R^2)
Atitudes	0.16	0.14	0.06
Intenção	0.30	0.38	0.19
Uso	0.28	0.51	0.14